

Outras Vozes



WLSA Moçambique

Women and Law in Southern Africa

Número 24-25

Maputo, Fevereiro de 2009



VEJA NESTE NÚMERO...



**Mulheres sobreviventes
de violência doméstica.
Histórias de vida**



**DEIXANDO CAIR O VÉU...
A violência doméstica
contra as mulheres nos
jornais**



**É defensável a violência
doméstica contra as
mulheres?**



**Proposta de lei contra a
violência doméstica:
ponto de situação**

Editorial

Ainda sobre a a proposta de lei contra a violência doméstica

Devido a questões relacionadas com atrasos no recebimento de fundos, os números 24 e 25 do boletim, que deveriam ter saído em 2008, só agora estão a ser publicados, nesta edição dupla. Uma vez que esse problema foi resolvido, contamos este ano retomar a normal periodicidade do Outras Vozes.

Neste início do ano de 2009 é mais do que nunca prioritário e urgente discutir o problema da violência doméstica contra as mulheres, uma vez que o debate da proposta de lei da sociedade civil está agendado no Parlamento para o mês de Março. Entretanto, pelos contactos havidos e outras indicações que nos têm chegado, mantêm-se dúvidas persistentes sobre a natureza estrutural da violência de género, como resultado das desigualdades de poder na família e na sociedade e como mecanismo de controlo das mulheres. Questionam-se ainda, entre outros, a necessidade de classificar este tipo de crime como público e as obrigações do estado em prover assistência às vítimas.

Por este motivo, este número duplo do boletim é consagrado ao tema da violência doméstica contra as mulheres. Começa-se por apresentar (resumidas) as histórias de vida de quatro mulheres sobreviventes, já anteriormente publicadas em formato de livro. São histórias de luta, que mostram como mulheres de várias condições sociais, mesmo em condições muito adversas, resistiram e conseguiram recuperar o controlo sobre as suas vidas.

Discutem-se também os casos concretos que vêm aparecendo nos *media*, bem como as nossas intervenções neste âmbito. Com efeito, neste dois primeiros meses de 2009, foram noticiados vários casos de agressões entre casais no âmbito doméstico, o que sobressai em relação a anos anteriores. A questão que se coloca é se estará a registar-se um aumento deste tipo de agressões ou se simplesmente se está a ganhar a consciência, ao nível dos *media*, de que a violência doméstica contra as mulheres é um problema.

Divulgam-se igualmente alguns dos materiais de comunicação, como cartazes, publicados sobre o tema pela WLSA Moçambique e em outros países.

Terminamos apelando para que todas as organizações e activistas de luta pelos direitos humanos continuem juntos nesta batalha, de modo a conseguir que a proposta de lei contra a violência doméstica seja aprovada na íntegra, salvaguardando-se a defesa dos direitos humanos das mulheres. É por isto que temos lutados nos últimos 5 anos, depois de um longo percurso. A luta continua!

A editora
Maria José Arthur

Mulheres sobreviventes de violência doméstica

Histórias de vida

A ideia de recolher histórias de vida de mulheres sobreviventes de violência doméstica surgiu no âmbito do processo de elaboração de uma proposta de lei. Pretendia-se dar um rosto à violência e mostrar que, apesar de todas as vicissitudes, as mulheres sempre resistem.

O que a seguir se apresenta é uma síntese do trabalho original, “Reconstruindo vidas. Mulheres sobreviventes de violência doméstica”, organizado por Maria José Arthur e Margarita Mejia.

Introdução

1. Os contextos: a legitimidade social da violência doméstica

O contexto em que decorrem as histórias de vida que fazem parte deste livro é o da contemporaneidade e devem ser interpretadas e analisadas neste momento histórico específico, com os seus discursos políticos e sociais, as suas instituições familiares e as suas ideologias de género.

No que respeita à violência contra as mulheres e, mais especificamente a violência doméstica, esta goza de grande legitimidade social que lhe advém da ideologia familiar que concede ao homem chefe de família a prerrogativa do uso da força na resolução de conflitos conjugais e o direito de controle da sua esposa ou companheira, das suas actividades, do seu comportamento e da sua reprodução. Esta posição é reforçada ao nível local nos tribunais comunitários e em estruturas locais, pelos secretários do bairro e secção de assuntos sociais, que são as instâncias mais próximas a quem se recorre em caso de conflitos domésticos. (...)

No trabalho de reconstrução de trajetórias de vida, é fundamental ter em conta estes contextos que são os quadros de referência através dos quais os indivíduos se localizam a si próprios no mundo e dão sentido às suas vidas, e que são vitais para interpretar as formas pelas quais as mulheres se situam nas relações e estruturas que constituem os seus mundos. A centralidade e complexidade dos contextos permitem revelar a multiplicidade de experiências e expectativas nas quais decorrem as vidas das mulheres. Neste sentido, o contexto não é um guião, mas um processo dinâmico através do qual o indivíduo configura e é configurado pelo ambiente.

Na medida em que cada indivíduo é representante da sua própria cultura e do seu tempo, os comportamentos, as escolhas e as estratégias devem ser vistas sempre na mediação entre o sujeito e o seu contexto social (Galán, 1996). A tentativa de compreensão das vidas relatadas é importante para conhecer o social e o político e identificar o “horizonte

de significação” (Carvalho, 2003) das narrativas, que dá sentido ao “interjogo” entre a privacidade de um agente e o espaço sócio-histórico da sua existência. Embora o agente tenha sempre a possibilidade de fazer escolhas, o leque das que lhe são acessíveis tem que ser visto em função do tempo e do espaço.

2. Algumas considerações sobre o processo de construção de histórias de vida

O termo “história de vida” é ambíguo e polissémico, pois pode designar autobiografias, biografias, memórias, confissões ou apologias. É aplicável a qualquer tipo de documento pessoal que acumule informação sobre a vida que é objecto de estudo. Esta polissemia está directamente relacionada com a diferente utilização que, a partir de diversas disciplinas e enfoques, se faz deste instrumento de investigação. Quanto a nós, no âmbito deste trabalho, entendemos de forma restrita o termo “história de vida” quando é utilizado para se referir à narração da vida de uma pessoa realizada por ela mesma, diferenciando-se da autobiografia em dois aspectos: a sua construção e a iniciativa. No que concerne à construção e tal como salienta Galán (1996), a “história de vida” constrói-se sobre o próprio relato do interessado, partindo a iniciativa de outro indivíduo, normalmente do investigador, sendo por isso necessária a presença de um cientista social que solicite a narração do relato ao autor que, de outro modo, não teria nunca falado ou escrito sobre as suas memórias. Portanto, o que se faz são entrevistas autobiográficas, porque a história de vida é uma montagem do investigador. Assim, consideramos que a história de vida “é um relato autobiográfico, obtido pelo investigador mediante entrevistas sucessivas nas quais o objectivo é mostrar o testemunho subjectivo de uma pessoa, em que se recolhem tanto os acontecimentos como a avaliação que ela faz da sua própria existência” (Pujadas, 1992, citado por Garrido e Olmos, 1998¹). Não procurámos, pois, escrever biografias, caso em que as investigadoras, a partir de um ponto de vista exterior, interpretariam a experiência do sujeito com base nos seus depoimentos pessoais e em evidências colectadas em fontes documentais ou junto a outros indivíduos próximos. Ou seja, tivemos de decidir se

trabalharíamos a uma única voz ou se procuraríamos outros sujeitos próximos de modo a formar reconstituir o contexto e a cruzar as informações. Rapidamente descartamos esta possibilidade pois, tendo em conta os nossos objectivos, não interessava verdadeiramente conferir a veracidade dos factos, mas antes a maneira como eles foram/são sentidos pelo sujeito. Por isso, não retiramos conclusões, mas convidamos as/os leitoras/es a fazer os seus próprios juízos e sobretudo a constatarem como são vários os caminhos que os agentes sociais encontram para retomarem o controle das suas vidas ou pelo menos evitar desgastes maiores.

interpretações do passado, que dependem de uma concertação de factores, entre outros, a distância em relação aos factos narrados, a situação presente e o contexto em que a história é narrada. Para além de que “não há significado fixo no passado” (Carvalho, 2003), o que é válido para todos os sujeitos envolvidos em actividades de reconstituição da memória. No nosso caso, é especialmente significativa a maneira como se decide apresentar o passado. Por exemplo, a escolha dos agentes sobre onde iniciar a narrativa autobiográfica é já revelador da interpretação que cada um faz do seu passado e, como veremos adiante, os



Assim, as histórias de vida que apresentamos neste livro tentam ilustrar a perspectiva das autoras de modo a, na medida do possível, remeter à/ao leitora/leitor o trabalho de reinterpretar o que é contado. (...) Foi dentro desta perspectiva que trabalhamos e a partir da qual gostaríamos de tecer algumas considerações prévias.

Concentremo-nos antes de mais nas narradoras, em torno das quais nasceu a ideia deste projecto. Alguns autores têm chamado à atenção para o facto de que no trabalho de interpretação e construção das histórias de vida é importante ter em atenção o que tem sido chamado de “ideologia autobiográfica”, quando o narrador, por vezes inconscientemente, reordena a sua própria existência e restitui o filme da sua vida com as sequências reordenadas. Esta reconstituição da realidade é particularmente falsa e artificial, pois normalmente eliminam-se as passagens mais desagradáveis, privilegiando os factores de coerência, a “unidade da vida” em detrimento da a-coerência da diversidade, das eventuais contradições (Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut, 1983: 43). Tendo em conta os nossos objectivos, é a própria reconstrução que nos interessa, que nos revela as prioridades e as

relatos que apresentamos neste livro procuraram preservar a ordem de exposição das autoras.

Relacionado com este aspecto, outra questão que é frequentemente colocada é como averiguar a verdade na fala dos entrevistados. Nesta ordem de ideias, para o colectivo Personal Narratives Group (1989), a questão essencial é saber “de que verdade falamos quando falamos em verdade”? Isto é, afirmam a recusa em falar numa verdade ou “na” verdade, e consideram que as abordagens reducionistas levam a determinar a “verdade” somente em termos da exactidão factual, da representatividade das circunstâncias sociais ou da fiabilidade da memória do sujeito quando testado com fontes “objectivas”. Pelo contrário, defendem a verdade como um conceito que deve ser tratado no plural, para dar conta da multiplicidade de maneiras pelas quais as histórias de vida reflectem a consciência da experiência e do meio social do próprio agente, criando assim uma realidade essencial própria. Consideram que quando falam das suas vidas as pessoas, por vezes, adulteram alguns factos, esquecem-se de certas passagens, exageram ou tornam-se confusas. Mesmo assim, estão a revelar verdades, embora não passíveis de confirmação factual ou por outras evidências, mas podendo ser entendidas,

tomando em atenção os contextos e as visões do mundo que estão na base da sua criação. Por isso, em vez de rotular uma história como falsa ou verdadeira, defendem a necessidade de procurar entender porque é que o narrador a conta dessa maneira e não de outra. Aprender a verdade no plural significa, assim, dar ênfase ao particular e negar as generalizações: a generalização “da” verdade serve como um mecanismo de controle, controle da informação, controle das irregularidades da experiência humana, controle do que é o conhecimento.

Subscrevendo esta abordagem no âmbito do nosso projecto, procurámos que a experiência das narradoras, que constitui “a fonte e a possibilidade da narrativa” (Carvalho, 2003), estivesse em destaque. O sujeito que narra deve ser o autor e o intérprete do significado, é a ele que cabe rever e recriar o vivido.

Um terceiro aspecto que deve ser tomado em conta, diz respeito ao papel do entrevistador e, mais concretamente, à relação entre a pessoa entrevistada e a entrevistadora. Quando as narrativas autobiográficas não surgem por iniciativa do autor, significa que se deve contar sempre com a presença de um intermediário, que assume diversas funções, como incitador, coordenador e moderador. Ou seja, a produção de narrativas pessoais é resultado de um momento e de um espaço em que interagem informador e investigador. Nestes casos, a grande preocupação é: “que história é contada? Que voz é ouvida?” (Personal Narratives Group, 1989). Por outras palavras, como garantir que a interferência do entrevistador não adultere ou condicione a narrativa aos seus interesses ou às suas visões pessoais? Ainda para mais, tendo em conta a relação de poder que se estabelece entre eles e as realidades e condições de desigualdade que afectam e necessariamente enquadram a maior parte do trabalho. Esta tem sido chamada de “relação autobiográfica” (Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut, 1983: 40), para se referir à relação específica que se institui entre o locutor e o questionador, e que pode dar lugar a tomadas de posição muito diversas.

Entre entrevistado e entrevistador, e tal como é apontado pelo Personal Narratives Group (1989), as desigualdades mais óbvias dizem respeito a: ser letrada/iletrada; pobreza/segurança económica; Terceiro Mundo/Primeiro Mundo; experiência vivida/experiência como sujeito de pesquisa. Por isso, a consciência destas desigualdades é fundamental para tentar estabelecer uma relação mais ética e igualitária, em que se substitua uma relação de exploração por outra de reciprocidade, e para pôr em evidência a maneira como o entrevistador condiciona a narrativa. Não existem abordagens objectivas em contraposição a abordagens subjectivas; a intermediação, o próprio acto de entrevistar, integra de imediato a experiência do sujeito a investigar. (...) Em suma, investigadora e

investigada, cada uma representante da sua cultura, são confrontadas na relação social que sustém a pesquisa.

3. A recolha de informação

No âmbito deste trabalho, a recolha das histórias de vida foi estruturada a partir do que Born (2001) chama de “regulação institucional”, nomeadamente, através da família ou do trabalho, que intervêm para estruturar uma trajectória de vida. Tendo em conta as hierarquias e desigualdades de género, a regulação é diferente consoante se trate de uma mulher ou de um homem. A regulação institucional permite esboçar uma “biografia normal”, que diz respeito ao “destino” previsível de um dado agente, numa localização social específica. O desafio será então de encontrar os “desvios” e as possibilidades de evasão relativamente a este modelo.

Assim, a primeira linha de estruturação das histórias de vida foram os ciclos de vida, nomeadamente: i) infância, ii) antes do casamento, iii) depois do casamento. Procurou-se entender como são sentidas e como se estruturam as relações de género em cada uma destas fases. Uma segunda linha de estruturação foi o trabalho, abrangendo tanto o trabalho doméstico como o trabalho remunerado. Pretendeu-se saber de que maneira a ocupação estruturou/foi estruturada em cada uma das fases de vida e influenciou a capacidade de tomada de decisão, o acesso aos recursos e as opções de vida.

Uma outra linha de estruturação foi a reprodução, na medida em que se procurou conhecer a maneira particular como a capacidade reprodutiva, o trabalho de reprodução e a organização familiar subsequente, modelam e conformam as relações de género na família e no casal.

Finalmente, quisemos enquadrar a(s) relação(ões) violenta(s) em que viveram as entrevistadas no contexto pessoal de cada uma.

Considerações sobre as entrevistadas

As quatro sobreviventes de quem apresentamos as histórias de vida foram seleccionadas com o apoio das nossas informantes-chave da pesquisa. Procurávamos mulheres que tivessem vivido em relações violentas e que estivessem, na altura, em vias de buscar novos rumos ou que tivessem definitivamente ultrapassado essa fase das suas vidas. Portanto, embora a nossa intenção fosse buscar mulheres anónimas, nem sempre isso foi possível porque algumas das sugestões que recebemos diziam respeito a mulheres bastante conhecidas localmente. Em dois dos casos foram pessoas próximas da pesquisa que se ofereceram voluntariamente para dar o seu depoimento, seja porque achavam que as suas biografias podiam ter interesse, seja por necessidade de falar e deste modo exorcizar alguns dos piores momentos das suas vidas.

Mais tarde, com o decorrer do trabalho, esta última hipótese pareceu-nos a mais provável.

Uma primeira preocupação, quando começámos as entrevistas, foi garantir que existia clareza em relação ao objectivo central, que era o de produzir um relato que pudesse servir de consolo e de inspiração a outras mulheres vítimas de violência doméstica, como forma de incentivá-las a denunciar os seus agressores, e de sensibilizar os que tomam decisões (“*decision makers*”) sobre o problema. No entanto, a motivação para nos contarem a sua vida resultou de um conjunto de factores, desde o orgulho por terem ultrapassado ou apenas sobrevivido a situações difíceis e de grande violência, ao desejo de mostrar a outras mulheres que se pode retomar a iniciativa na condução das suas vidas e até à necessidade de desabafar. As quatro sobreviventes entrevistadas vêem-se a si mesmas como oprimidas, o que transparece claramente nos relatos que nos fazem.

Um outro critério na escolha das informantes foi o de falarem português, para que, durante o processo, se evitasse mais um intermediário, construindo-se a relação exclusivamente a duas, entre entrevistada e entrevistadora.

Antes de mais, uma das preocupações prévias eram as questões éticas. Por um lado, como evitar o desgaste das sobreviventes e, por outro lado, como emancipá-las. Isto é, como fazer para que a experiência da realização das entrevistas autobiográficas constituísse uma forma de afirmação e consolidação da sua auto-estima, dando poder não de uma maneira paternalista, mas pelo empoderamento. Pensou-se que a evocação de conflitos resolvidos e não resolvidos e a possibilidade de falar não só de factos mas de sentimentos e estados de espírito, poderia ajudar a preservar a sua identidade e a reforçar as suas opções. Para isso era importante garantir que a nossa relação com as informadoras fosse aberta, transparente e não

hierárquica, fazendo saber que tinham a possibilidade de intervir no processo, desde o início até ao fim, na produção do relato final a ser publicado.

O compromisso principal do nosso acordo com as sobreviventes que aceitaram contar-nos a sua vida, foi o anonimato. Para o preservar, não somente alterámos os seus nomes como também o dos indivíduos que são referidos ao longo dos relatos. Esta preocupação ditou também a exclusão de certos episódios que, para serem entendidos, necessitavam de detalhes pessoais que poderiam conduzir à revelação das identidades que pretendemos preservar.

O processo de construção das histórias de vida foi longo e difícil. Longo, porque tivemos que seguir passo a passo, aproveitando as oportunidades proporcionadas pela pesquisa para nos encontrarmos com as entrevistadas. Começámos com entrevistas autobiográficas, em que procurámos simultaneamente respeitar as prioridades pessoais na sequência e nos temas abordados, ao mesmo tempo que tentávamos garantir que o relato fosse inteligível a outros ouvidos. A inteligibilidade aqui referia-se não somente a sequências de eventos, mas sobretudo às razões desta ou daquela escolha, aos motivos que determinaram certas opções de vida. Por esta razão é que as quatro histórias começam com diferentes enfoques, a partir de diversas fases da vida.

As entrevistas decorreram em locais protegidos, sem interferência de outras pessoas. E embora a nossa equipe de investigação seja composta por dois membros, o trabalho com as sobreviventes foi individual.

Os guiões para as entrevistas foram discutidos previamente com as autoras, deixando claro que a sequência e a ordem dos eventos dependia inteiramente de cada uma. Foi igualmente acordado que a nossa intervenção se deveria cingir a pedidos pontuais de



esclarecimento e que, de maneira nenhuma, isso significava que fossem obrigadas a responder ao que preferissem calar. No final de cada entrevista fazia-se o balanço e preparava-se a fase seguinte. O tempo de trabalho com cada uma das sobreviventes variou entre 7 a 12 horas, divididas em várias entrevistas, para além de encontros e de troca de opiniões informais. As conversas foram todas gravadas, com excepção de passagens íntimas que as informantes acharam por bem revelar-nos para que entendêssemos melhor certos episódios, mas que, de comum acordo, se decidiu que não deveriam constar do relato final.

A fase seguinte deste processo foi a transcrição das cassetes, onde se respeitaram o vocabulário empregue, os estilos de conversação e a ênfase colocada em determinadas passagens.

Em seguida, o trabalho consistiu na construção de um relato único para o qual se seguiram alguns critérios. Em primeiro lugar, tal como nas entrevistas, a fala das sobreviventes deveria ser na primeira pessoa, fazendo-se desaparecer a figura da entrevistadora. Esta opção tem a vantagem de interferir minimamente com o texto, deixando a entrevistada a dirigir-se directamente a uma/um possível leitora ou leitor, embora já se tenha alertado para o facto do diálogo ter a vantagem de restituir a presença do investigador e mostrar a interacção (Caplan, 1997: 9-14).

O segundo critério, como vimos antes, foi o de eliminar passagens e episódios que revelassem de maneira óbvia a identidade das sobreviventes e das pessoas a quem elas se referiam. Em terceiro lugar, cortámos partes de entrevistas que eram repetidas não só uma mas várias vezes, e que normalmente se referiam a episódios de violência mais traumáticos. O resultado final pretendia captar as fases essenciais de uma trajetória de vida, com destaque para a visão do mundo e as perspectivas de vida das sobreviventes.

Foi nesta fase que devolvemos o trabalho às autoras, de modo a comprovar que o relato a ser publicado estava de acordo com as suas expectativas. Havia então ainda a possibilidade de alterar o conteúdo, a ordem de exposição ou ainda acrescentar dados novos. Para além, evidentemente, de ser aceitável uma mudança de ideias e a autora decidir não publicar nada.

As últimas sessões de trabalho consistiram na leitura conjunta do relato já trabalhado, para rever conteúdos, estilos de linguagem e, em geral, colher impressões sobre o texto. Nos quatro casos a versão apresentada foi aprovada, com algumas alterações que serviram sobretudo para clarificar determinadas situações. Em dois casos foi acrescentado um post-scriptum, o que se justificava pelo intervalo de tempo que decorreu entre as primeiras entrevistas e esta etapa final.

Finalmente, como referimos mais atrás, o processo também foi difícil. Embora para nós estivesse sempre presente que a oportunidade de contar a sua vida seria importante para mulheres sobreviventes de violência doméstica, não poderíamos à partida imaginar que tanto elas como nós nos envolvêssemos tanto neste processo. Os risos e o orgulho no que nos era contado sucediam-se às lágrimas. Sobretudo em dois casos, ainda muito recentes, registaram-se momentos de grande comoção que nos levaram a interromper o trabalho por causa do receio de provocar dano. Embora as nossas entrevistadas se mostrassem dispostas a prosseguir, tínhamos que ao fazê-las lembrar os momentos difíceis que viveram estivéssemos a perturbar o já delicado equilíbrio que tinham conseguido nas suas vidas. Foi neste momento que nos decidimos a consultar uma médica psiquiatra, a quem expusemos o projecto, os métodos e as situações de interacção, pedindo conselho sobre se deveríamos ou não prosseguir com o trabalho.

As sugestões que recebemos decidiram-nos a prosseguir com as entrevistas, tendo o cuidado de constantemente nos assegurarmos que era do interesse das sobreviventes continuar com o trabalho. Por vezes recomencávamos por iniciativa da própria autora, uma vez que havia como que uma espécie de compulsão em falar.

Notas:

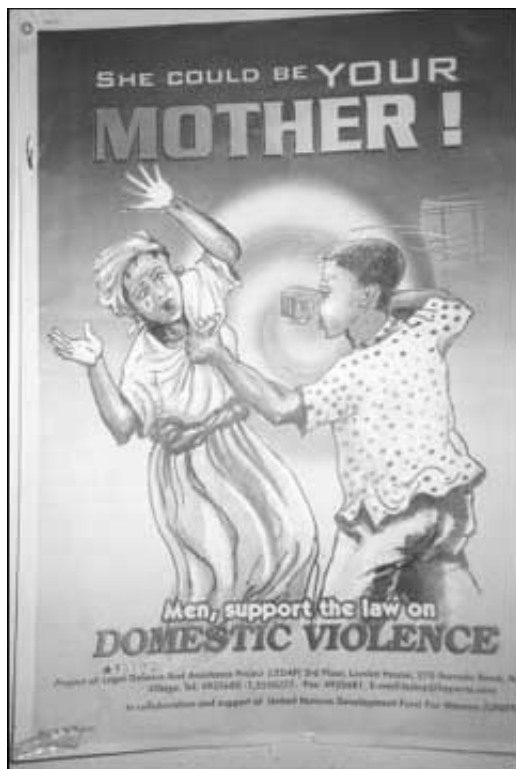
1 Joan Pujadas Muñoz, 1992, El método biográfico: el uso de las historias de vida en las ciencias sociales. Madrid: CIS.

Referências:

- BORN, Cláudia, 2001. Género, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. In: Sociologias, 5. pp. 240-265
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura, 2003. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. In: Horizontes Antropológicos, vol. 9, nº 19. pp. 283-302
- CAPLAN, Pat, 1997. African Voices, African Lives: Personal Narratives from a Swahili Village, London and New York: Routledge.
- GALÁN, Juan Salvador López, 1996. El método biográfico en las obras del sociólogo Juan F. Marsal. In: Gazeta de Antropología, 12 (http://www.ugr.es/~pwlac/G12_12JuanSalvador_Lopez_Galan.html).
- GARRIDO, Ángeles Arjona; OLMOS, Juan Carlos Checa. 1998. Las historias de vida como método de acercamiento a la realidad social. In: Gazeta de Antropología, 14 (http://www.ugr.es/~pwlac/G14_10Juan_Carlos_Checa-Angeles_Arjona.html).
- Personal Narratives Group (ed.), 1989. Personal Narratives Group Interpreting women's lives. Feminist theory and personal narratives. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press. pp. 261-264
- POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S.; RAYBAUT, P., 1983. Les récits de vie: théorie et pratique. Paris: P.U.F.

Pelo mundo fora...

Combates contra a violência doméstica



A história de Linda

Na altura em que narrou a sua história a Linda tinha 45 anos, continuava casada e é mãe de 3 filhos. Trabalha para sustentar a casa, porque o marido há muitos anos está desempregado.

O namoro e o casamento

Eu comecei a namorar com o meu marido aos 20 anos, 21 anos. Foi simples, prontos, ele gostou, mostrou muito interesse, quis-me conhecer, foi ao meu serviço, aqueles contactos de juventude. Eu já tinha 21 anos porque acabava de ficar desmobilizada do Serviço militar obrigatório, eu fui cumprir o SMO aos 19 anos. Quando fui cumprir o SMO, é lógico que eu não tinha nenhuma experiência, aquele amor à primeira vista encantou-me, não é, e eu deixei-me levar e fiquei grávida. Fiquei grávida depois de quase dois meses, mas eu não tinha nenhuma experiência, eu era garota e com as outras minhas amigas eu geralmente pouco falava desse aspecto, as nossas conversas eram de filmes, estorinhas, passeios, praias. Essas coisas. Encontros familiares, piqueniques, mas prontos, o que eu pude fazer, ele tinha mais experiência que eu e fiquei grávida. Porque eu não sabia, nem soube como dizer, como explicar aos meus pais, porque eu não tinha aquela abertura talvez por ser primeira filha. Os meus pais controlavam e a minha mãe educou-me de uma forma totalmente diferente, onde ela teve sempre aquele cuidado de explicar que o primeiro homem que realmente desonra a rapariga é com esse homem que nos devíamos casar. Porque era assim, era assim que as pessoas deviam manter aquela personalidade, principalmente as mulheres. E só assim é que os casamentos iam à frente.

Era uma menina muito controlada. Depois, o ambiente em si, em casa, éramos praticamente meninas virgens, não é? Que não tínhamos assim muitos contactos com rapazes. Então fiquei realmente preocupada, depois de desonrar, eu até disse que queria casar. Eu recordo-me que chorei muito, estava desesperada, e tempos depois ele (o namorado) vai à casa dos meus pais, fez-se aquela pressão que tem que informar a família e tem que entrar em casa do meu pai. A família e tudo. Mas o meu pai não dava aquela possibilidade de aproximar-se. E quando eles insistem em apresentar-se, o meu pai jurou que não os recebia. O meu marido (na altura namorado) levava-me tarde para casa, sabendo que o meu pai ia bater-me. Ele levava-me propositadamente porque dizia muitas vezes que o meu pai tinha que saber que ele já existia. Era um confronto entre os dois e ele não se importava que eu apanhasse. Tanto mais que houve uma altura que eu já me estava a revoltar contra ele e eu dizia sempre: “olha, eu vou para casa e vou ser vítima disto e daquilo”. Ele queria era um

confronto com o meu pai, tanto mais que depois surgiram confrontos. Eu, já casada, o meu marido só esperou realmente eu pôr alianças para poder confrontar-se.

Eu estando a sofrer daquela maneira fui ganhando mais carinho, mais amparo da parte do meu marido. Na altura, quando namorado, meu pai batia-me com uma mangueira, daquelas mangueiras transparentes quase da espessura do dedo. Ele batia-me, marcava-me e depois permitia, mesmo eu sendo mais velha, permitia que os meus irmãos mais novos acompanhassem aquele espancamento todo. E para além disso já me desconsiderava, rebaixava-me em frente de todos os meus irmãos, éramos todos pequenos naquela altura, mas já percebiam que o meu pai fazia aquilo tudo. E quando o meu marido então viu que realmente a gravidez já estava a desenvolver porque as roupas já não me serviam e eu não tinha roupa adequada para acompanhar a gravidez, gostava de andar sempre de calças e as minhas calças já não me estavam a servir. O meu marido então pressiona o irmão para ir fazer o pedido. A minha mãe então percebeu, informou ao meu pai e mais tarde leva-me ao hospital. Faço a consulta e a enfermeira recordou-me que eu tivesse muito descanso. Fui ficando em casa porque eu estava muito agitada e o meu pai começa novamente com a violência, o meu pai começa a maltratar-me sem limites depois da consulta. Nessa altura, a minha mãe adoptou o hábito de arranjar-me batinhas: “tens que mudar de roupa, não podes andar assim”. O meu pai começa a bater-me, eu já de 8 meses. Não sei porque é que o meu pai fazia aquilo.

Então tudo o que eles fizeram foi o suficiente para eu começar a ter mais inclinação para o meu marido, a ver o meu marido como única alternativa para me tirar do sofrimento. Porque eu já não tinha formas, eu estava a sofrer muito e quem amparava-me muitas vezes era essa minha tia que era costureira. Ela dizia para mim: “tu tens que ser mulher, tens que ter coragem, isso tudo vai passar, isso tudo vai passar”. Eu dizia: “fizeram-me isto, isto e aquilo”, e a minha tia: “eu sei, tens que ter calma”...

Foi uma série de conflitos que contribuíram de certa forma para eu ir para o lar já manchada, porque já tinha más relações com a minha família. E também foram possibilidades que os meus pais criaram para que o meu marido pudesse fazer e desfazer.



O meu pai também era violento para a minha mãe

O meu pai batia na minha mãe. Batia, eu assisti muitas vezes. Batia e parou de bater na minha mãe quando ela já ia para os seus 56 anos, porque ela agora tem 60 e tal.

O meu pai é extremamente violento só que agora com a idade que ele tem já não está a ter tanta força, tanta força como tinha antes. Eu até recorde-me que a minha mãe chegava a ser espancada até sangrar pelas narinas e naqueles tempos o meu pai tinha autorização do governo de andar com pistola. Uma vez a minha mãe contou-me, eu já era mais crescadinha, que ela ficou cheia de coágulos de sangue porque bateu-lhe com pistola. Ele usou a pistola, batia, batia muito, a minha mãe criou-nos debaixo de muito sofrimento, muito mesmo!

A minha mãe não tinha meios de demonstrar solidariedade para comigo porque tudo o que ele dissesse ela tinha que cumprir. A minha mãe não tinha o direito de opinião dentro de casa, a minha mãe não tinha opinião! A minha mãe foi muito maltratada e ela deixou de trabalhar para nos criar, porque ela de profissão é professora. Ela diz que teve mesmo que deixar de trabalhar, por obrigação do meu pai. A minha mãe contou isso a mim e à minha irmã. Contou-nos muita coisa e eu também assisti a minha mãe a ser maltratada. A minha mãe até conta que ele tinha sempre qualquer coisa para poder bater. Inventava, imaginava, só para poder bater. Ele criava sempre pretextos.

É verdade, a minha mãe foi sempre violentada. Ela às vezes dizia para mim, depois de eu estar casada: “Linda, tu tens a minha sorte e se realmente tu não fores mulher não vais ficar no lar. Estás a passar por fases mais difíceis que a minha”.

O casamento

O meu filho nasceu, portanto, logo depois do casamento. E iniciou novamente o sofrimento, já da parte do meu marido. Foi logo a seguir! Quando o sofrimento iniciou, a primeira vez que o meu marido

me bateu, ainda o bebé não tinha 30 dias. Antes do namoro tinha havido alguns episódios de violência mas sem agressão física, que tinham a ver com dúvidas sobre a paternidade do bebé e exigências de que devia deixar de trabalhar após o casamento.

Depois do parto eu quis ficar mais alguns dias em casa dos meus pais e ele então já não estava a ver bem a possibilidade de eu ficar em casa dos meus pais. Não era por querer sexo, de princípio ele queria sexo, mas era para distanciar-me da minha família para iniciar a violência. Ele acompanhou aquele trajecto todo, aquele desentendimento, aquilo tudo que o meu pai me fez, então agora tinha chegado a vez de ser ele a fazer ver ao meu pai que realmente ele já me tinha nas mãos e que iria pagar por tudo aquilo que tinha acontecido.

Não me deixou ficar em casa dos meus pais, levou-me para o carro e eu estava desiludida comigo própria, eu estava revoltada com os maus-tratos que o meu pai me tinha dado porque se certamente ele tivesse sido um pai mais carinhoso, eu não havia de aceitar o meu marido. Se ele tivesse conversado, tivesse aconselhado, tivesse tido outras formas... E ao mesmo tempo eu já sentia dentro de mim uma revolta contra o meu marido por causa da forma como estava a tratar-me e estava a demonstrar perante pessoas que eram os meus pais que não queriam que aquele casamento se realizasse, que eles tinham razão. E o meu pai ainda disse: “filha, ainda tens que passar por muitas. Vai, mas tens que passar por muitas”. Fui para casa naquela noite, eu recorde-me que até a vizinhança da minha mãe saiu para ver.

A violência começou muito cedo e continuou durante anos

O primeiro episódio de violência aconteceu depois de uma festinha lá em casa, para apresentar o bebé aos amigos e familiares do meu marido. Depois de quase todos se terem ido embora, eu faço um sinal para o meu marido porque já eram quase 3 horas e tal, fiz um sinal para lhe dizer que era tarde. Eu fiz aquilo porque eu estava um bocado cansada, estava a me esforçar só à espera do último convidado e ele ainda estava a beber. Eu achei que já era muito tarde, era hora já do descanso e por sinal também notei que esse último convidado já

não estava a beber assim tanto. Mas o meu marido é que estava a beber em excesso e prontos, em frente desse convidado ele violenta-me e diz: “olha lá, quem manda nesta casa sou eu e eu não admito que tu digas que é tarde porque nós estamos a beber e agora vais ficar aí sentadinha à espera que nós terminemos”. Mas aquela expressão foi tão violenta que esse senhor vizinho diz logo para ele: “calma, calma, tens que ter calma, não é? Não podes explodir dessa maneira!”. Ele: “não, eu estou a lhe educar, estou a lhe educar. Ela tem que saber que esta casa é minha”.

Quando aquele senhor saiu ele fecha a porta e chama-me para a sala e começa a intimidar-me: “tens que saber que esta casa é minha, quem manda nesta casa sou eu, se és mimosa acabaram os mimos na minha casa. Mulher mimosa na minha casa? Essa tua maneira de ser vai terminar”. Eu fiquei com medo, fiquei com medo mas não mostrei nada, prontos.

Depois dele fazer os trabalhos, os negócios dele, ficava a beber e quando chegasse a casa já eram 21, 22 horas. Comecei a querer-me inteirar da vida, não é, o que é que ele fazia realmente: “tanto tempo fora de casa, quando voltas estás embriagado, sempre voltas embriagado!”.

Ele só olhava nos primeiros dias quando eu comecei a perguntar. Ele só olhava para mim, não dizia nem um e nem dois. Então eu comecei a aperceber-me que o meu marido talvez tivesse companhia lá fora, porque as roupas dele quando regressasse cheiravam sempre a perfume, ora vinham marcadas de batom. Eu comecei a aperceber-me, mas o que é que eu podia dizer? Eu não dizia nada.

Então, certo dia, necessitámos de levar o bebé ao peso. Vou ao hospital para apanhar as primeiras vacinas e por coincidência um colega do trabalho vê-me ali no hospital e quando me vê com o bebé, corre para me vir dar os parabéns. Deu-me os parabéns, apertou a mão do meu marido e diz: “olha como ele é tão bonito, é tão parecido contigo, é muito parecido contigo”. E para o meu marido: “olha, tu desta vez saíste a perder, ele sai mais à mãe”. O que é que aquele senhor não foi dizer! O meu marido levou aquilo e interpretou de outra maneira, daí mostrou uma cara! Então depois do senhor retirar-se ele fez-me um sinal com o braço. As pessoas começam a olhar para mim e ele saiu dali, não sei onde se meteu. Às tantas ele aparece, entrámos no carro, ele trazia uma garrafa de cerveja porque durante aquele tempo que tinha saído do hospital foi dar uma volta, foi beber, então aparece com a garrafa de cerveja e diz: “vamos embora”. Fiquei assustada mas entrei para o carro. Eu ainda pergunto-lhe: “mas tu deixas-me aqui sozinha? A bicha é tão grande, eu não conheço as pessoas”. Ele: “não estavas aí com o pai da criança?”. Fiquei sem jeito! Eu: “pai? Ele é um colega, uma pessoa que me viu crescer, eu saí da escola fui trabalhar para ali, conhece os meus pais”. “É por isso que o teu pai estava a impedir este casamento mas tu

ainda vais-me explicar”. Saímos, chegamos a casa. Eu estava com medo.

O meu marido chega, abre a porta e diz para o empregado “sai lá. Sai lá um pouco, daqui a pouco eu vou-te chamar”. E quando eu entro vou pôr o bebé na alcofa e sento-me na cama. Estava cansada com aquelas dores, sento-me na cama e ele vem e diz: “este filho é meu? Eu não mandei-te parar de trabalhar?” Espanca-me logo. Ele: “estás a chorar? Estás a chorar na minha casa?” O menino estava a dormir, o meu filho estava a dormir, ele pega, ele pega tão mal o meu filho, ele foi pegar o menino pelas orelhas, o bebé pelas orelhas e deixar outra vez... (choros)

Ele fazia aquilo mas depois vinha pedir desculpas e mais desculpas. Mas se ele já me tinha rebaixado, tinha-me ridicularizado, não é?, tinha-me enxovalhado, tinha-me tirado o meu prestígio, a minha personalidade, a minha dignidade toda, para depois vir pedir desculpas? Eu aceitava, mas contrariada, porque eu não via como e porque é que estava a passar aquele tipo de situação. Eu não merecia aquele tratamento e isso magoava-me muito porque eu comecei a perder o meu corpo, perdi porque psicologicamente já não estava bem, mas tinha o trabalho como divertimento e para mim trabalhar era a melhor coisa que podia existir.

Ele nunca foi pessoa de dizer vou ao sítio x até à hora x estou em casa. Eu quando perguntasse já era problema porque eu sempre insisti em querer saber para onde é que ele ia, com quem ia, o que é que fazia, porque sai de manhã e só voltava ao anoitecer e quando regressasse geralmente estava embriagado.

Havia outras mulheres. Envolviam-se lá, depois voltava a casa e quando voltasse a casa era sempre aquela pergunta: “quem esteve aqui?” Está a abrir a porta, entrou até chegar ao quarto: “quem esteve aqui?” Mas com aquela voz, aquela autoridade, aquele abuso de poder por ser a casa dele. Por ser a casa dele acordava-me repentinamente, eu no meio do sono, acordava-me outras vezes porque eu nem estava a dormir, estava preocupada com o regresso dele. Então ouvia as chaves e ultimamente ele já não se dava ao luxo de querer abrir a porta, vinha tocar a campainha. Era para obrigar-me a levantar. Eu passei momentos difíceis.

Depois de ele bater-me, depois de tudo aquilo, a seguir tinha que haver sexo. Mas era o sexo forçado. Não é um amor que vem por vir. Então, eu comecei-me a faltar daquilo, e comecei a não a sentir vontade e prazer numa relação sexual.

Eu já não tinha formas de suportar com aquela violência toda, maltratava-me de tal maneira que já batia-me perante o empregado, acusava-me de ser eu a promotora da desgraça dele, eu era acusada de tudo e mais alguma coisa. O meu marido não tinha confiança

em mim para servir-se de uma refeição que realmente tivesse sido guardada por mim, então quando eu comecei a notar aquilo eu preferi que fosse o empregado dele de solteiro a servir.

A vizinhança e algumas vizinhas riam-se de mim, algumas riam e outras até eram de gênero, quando o meu marido saísse vinham a minha casa, tocavam a campainha, então: “bom dia, está boa?” “Estou muito bem”. Porque eu não relatava, não tinha coragem de contar, mas elas ouviam-me a chorar pela madrugada. No trabalho era a primeira coisa que eles perguntavam. Então isso, para mim, deixava-me ainda mais fraca e sem forças, sem uma estima por mim própria, não é? Eu queria lutar mas não tinha ninguém. Talvez se tivesse a minha sogra ao lado ou uma irmã ao lado ou uma cunhada, se estivéssemos a viver com mais pessoas, talvez tivesse força. Mas eu já não tinha força.



Senti que não tinha maneira de deixar o meu marido

Eu preferi continuar com ele porque eu via assim: “eu vou voltar para aquela casa, para a casa dos meus pais, com que cara? Como é que o meu pai agora vai-me tratar, se já antes tratava-me mal? E o que é que vai ser deste filho que hoje nasceu, que está aqui e já há um desentendimento tal? Mas como é que eu vou voltar?”

Psicologicamente eu já não estava bem, não tinha ninguém que me ajudasse a sair daquele tipo de conflitos, daquele ambiente, eu não tinha as minhas irmãs, todas eram mais novas, os meus pais estavam na casa deles e já tinham imposto tudo menos alguma coisa e eu tinha que me sujeitar àquele casamento. Depois tive que romper aquele silêncio, o meu filho tinha uns 3 ou 4 meses quando eu fui a casa dos meus pais. Dirigi-me a casa dos meus pais porque vi a minha vida mal parada, mas eu não estava sendo bem recebida pelos meus pais. A minha mãe recebeu-me tudo bem e tal, mas o meu pai já não me queria lá em casa. De visita ele lá recebia-me, cumprimentava friamente. No princípio foi assim. Por muito tempo ele

cumprimentava-me friamente e depois quando se apercebeu que eu estava sendo mesmo violentada e era excessiva a carga de violência, então é quando ele começa já sentir a sentir por mim, a ter pena de mim. Porque ele viu que eu realmente estava passar por fases difíceis.

Relações com a família e isolamento

Uma só vez veio a minha irmã a casa porque eu era uma pessoa muito pouco visitada, ninguém vinha para a minha casa porque eu era rejeitada familiarmente.

As cunhadas eram de gênero de provocar uma situação e na presença dele. Eu tinha sempre aquela tendência de ficar calada, não é?, não dizer nada. O problema era eu trabalhar. Afinal de contas elas vinham mais para incentivar briga. Para além de passar a refeição ou vir-

nos visitar, era mais para intensificar a briga porque a partir daquele momento o meu marido ficava desorientado.

Mas voltando à minha família, o meu pai, das vezes que eu fosse para lá no meio dos conflitos, ele dizia para mim: “tu entras na minha casa, eu recebo-te aqui como minha filha, mas aos teus filhos não”.

Então, isso aí contribuiu imenso para eu degradar-me de tal forma, porque o meu pai dizia-me sempre isso: “os filhos de fulano aqui na minha casa, não”.

Qual é o coração dessa mãe, qual é a coragem, eu que tanto gosto dos meus filhos, eu que tanto carinho tenho por eles, eu que alimento aqueles meninos, sou eu que estou a criar, o que é que me valia a mim eu estar em casa dos meus pais, toda confortada, sem os meus filhos, aquilo que eu mais gosto? Daí que eu via no meu pai um bicho-de-sete-cabeças. Eu não lhe podia dizer nada, aquilo foi como se me dessem uma facada.

Não serviu de nada pedir ajuda à polícia

Eu quero dizer, eu detestei a polícia muito cedo, muito cedo. Porque o meu marido espancou-me, quando o mais velhinho já tinha 9 anos, 8 para 9, o rapazinho já tinha os seus 6 aninhos, a menina era pequenina, só tinha 4 aninhos. Eu recorde-me que nessa noite eu fui pernoitar na polícia, porque ele batia-me de tal maneira, veio embriagado, eram quase 23, meia-noite. Bateu-me de tal maneira que eu tive de abrir a porta de casa e fugir, e quando eu fugi nem chinelos levei, tive de galgar o alcatrão todo da minha casa até à esquadra, para ir queixar. Quando eu cheguei na polícia, naqueles anos, a polícia pouco se importava em resolver conflitos sociais. Então a partir dali eu tive aquele ódio. Não me tomaram a sério. Onde eles tiveram a coragem de dizer: “a senhora é casada?”

Eu: “sou, sim”.

“Olha, é conflito com o senhor fulano. O senhor fulano gosta muito de bater na senhora, nós já sabemos, a única coisa que a senhora pode fazer é recorrer ao tribunal ou à procuradoria. Amanhã a senhora tem que ir à procuradoria ou ao tribunal para ver se resolve a situação, não é nada connosco”.

Eu, a partir dali, fiquei com um nó no estômago. Foi outra porta que se fechou.

Tentei encontrar formas de desabafo

Ainda nos primeiros anos de casamento eu ganhei o hábito de escrever num caderno desabafos sobre as dificuldades que estava a passar. Ajudava-me a suportar. Mas uma vez que não pude ir trabalhar durante quatro dias, eu peço ao colega para abrir as gavetas e tirar o expediente que era necessário. Então, ele levanta a resma de papel numa das gavetas e apanha o bloco onde eu escrevia. Estava escrito mais de metade do bloco. Eu creio que toda a empresa ficou a saber da minha vida. Então só tive tempo de tirar aquele bloco da gaveta e pegar nas folhas e começar a rasgar. Eu senti-me mal, eu senti-me de tal forma humilhada... Eu comecei a rasgar aquilo tudo, meti aquelas folhas todas dentro de um saco plástico e quando cheguei a casa, assim que entrei, fui logo pegar na caixa de fósforo e queimei. Nunca mais tentei escrever um diário.

Mais tarde, eu já tinha o meu filho talvez com os seus três aninhos, eu comecei a dedicar-me à poesia, onde eu relatava o que estava a ser a minha vida. Então fui meter aquilo na última gaveta da cómoda, debaixo da roupa, pus lá o caderno e tal. Eu estava sempre atenta, sempre que ele chegasse eu procurava pôr naquela gaveta só a minha roupa e mais nada. Quer dizer, até pacotes de “modess”, de pensos higiénicos, eu pus. Era aquilo de o meu marido ficar receoso de ter que abrir aquela gaveta. Mas ele abriu e viu.

Quando eu fazia aquilo, ia escrevendo e relatando a minha vida toda, não ficava três meses sem escrever. E ajudava. Mas preferi deixar de fazer. Não guardei nada.

Sobre o trabalho

Até manter o meu trabalho foi difícil. Numa zanga, ainda durante o namoro, o meu marido exprimiu dúvidas sobre se a gravidez era dele e usou esse pretexto para chegar aonde queria, o trabalho. Disse: “então se realmente isto é meu, tu tens que deixar de trabalhar”. Eu olhei para ele e disse: “eu não posso deixar de trabalhar”. Então ele: “isso não é meu, porque se tu realmente trabalhas, quem sabe se os teus colegas não têm algo contigo?” Foi aquela zanga violenta!

A minha mãe uma vez disse-me: “se tu deixares de trabalhar, e ele está a fazer tudo isso para tu deixares de trabalhar, para tu já largares, porque depois tu já não vais ter serviço para te distraíres, não podes vir aqui para casa, não tens contacto com as pessoas. Vai ser isolamento total. E ele então vai fazer de ti uma desgraçada, não vai-te dar alimentos, vai-te desgraçar”. E é precisamente isso que ele procurou, desgraçar-me.

Como comecei a reagir

Ele começa a perceber que eu estou a reagir pela minha forma de ser. Porque eu comecei a mudar. Mas não mudei de um momento para outro. Foi uma mudança vagarosa e eu sempre tive o cuidado de lhe fazer ver que apesar de eu estar a sofrer muito, a passar dificuldades, eu sabia o que eu queria atingir com o meu casamento. Porque, eu quando me casei, foi com a intenção de casar-me com um homem de quem eu realmente gostei, gosto, e ter os meus filhos, educá-los sempre debaixo do pai, na companhia do pai. Talvez por não ser muito agitada, eu sempre pensei que devia dar uma educação aos meus filhos, semelhante à minha. Mas uma educação sempre com uma tendência melhor, não é? Melhor que a minha, os meninos deviam ter melhores condições que as minhas. Eu sempre pensei assim. Os meninos deviam ter melhores condições, deviam estudar mais do que eu, para eles também crescerem como crianças felizes e terem boas recordações da família e do lar que os protegeu. Embora isso infelizmente, eu penso que não aconteceu, não foi o sonho realizado por mim, por causa do excesso de violência que eu tive no lar.

Portanto, essa parte frustrou-me. Eu fiquei revoltada e até hoje sinto-me uma mulher revoltada, por isso mesmo eu sou sempre pela reconciliação do casal, mas tenho sempre a demonstrar ao homem, que é o chefe de família, as partes negativas, e quais serão as consequências das tais partes.

Como a Igreja me ajudou

Por influência da igreja (Igreja Universal do Reino de Deus), o meu marido deixou de beber. Deixou de andar com outras mulheres. Não batia. E foi engraçado, porque a maior parte das mulheres com quem ele realmente já se tinha envolvido ele também convidava a elas para a igreja.

Hoje vivemos em paz

Na minha relação com ele hoje eu estou satisfeita. Eu podia estar mais que satisfeita se ele realmente ainda estivesse na igreja. Mas embora não esteja na igreja, ele já reduziu muito em relação ao tempo passado. Primeiro, porque ele já não cria tanto conflito, não mistura as coisas. Segundo, ele é do género até de valorizar-me hoje, enquanto que antes nem me dava valor nenhum. Ele às vezes até quando está um bocadinho animado começa a dizer: “eu tenho uma grande mulher, eu tenho uma grande mulher, vocês não devem abusar a vossa mãe, ai daquele que eu oiço a abusar a mãe, ou oiça dizer por alguém que realmente não respeita a mãe”. Ele hoje é capaz de dizer uma coisa dessas. Hoje ele quando eu estou doente ele já se preocupa mais comigo.

Ele preocupa-se muito comigo, embora eu não posso dizer que sou uma mulher totalmente feliz, não é? Mas uma mulher que depois daquilo que passou, da relação conjugal que teve, eu posso dizer que hoje eu estou satisfeita, a minha vida melhorou, melhorou um bocado. Embora ainda não tenha melhorado em todos aspectos, não é? Mas pelo menos na nossa relação conjugal ele já se tornou mais atencioso, é capaz de me ouvir.

Um ano depois...

Desde a última vez que falamos e que contei a minha história muita coisa aconteceu. Eu na altura sentia-me em paz. Não totalmente satisfeita nem realmente feliz, mas em paz. Até que as coisas começaram a mudar novamente e parecia até que tinham voltado os velhos tempos.

O que aconteceu foi que o meu marido recomeçou a beber assim que arranjou um pouco de dinheiro, através de alguns biscates. Aí recomeçaram os velhos hábitos de chegar tarde a casa, de me obrigar a levantar de madrugada para lhe abrir a porta, de lhe dar de comer àquela hora, dos ciúmes sem fundamentos e da pancadaria. E eu, que pensava ter tudo já ultrapassado, sinto de volta o medo e a angústia.

Houve vários episódios de agressão física, um dos quais em público, com todos os presentes a assistir. Chegaram até a parar para olhar. Ninguém interveio, se calhar porque ele ameaçava bater em todos os que olhavam com mais atenção, perguntando se eram eles os meus amantes. Houve também cenas privadas de

grande humilhação, como quando cuspiu em mim em frente dos meus filhos.

Talvez em resultado de tudo isto, eu adoeci gravemente com um derrame dos pulmões. Tive febres altas que não passavam, enquanto no hospital só me davam medicamento para a malária. Só quando fiquei mesmo mal é que um médico me mandou fazer uma radiografia e descobriu que tinha algo nos pulmões. Mas antes disso, eu estava num estado preocupante e ele saía de manhã e voltava à noite e deixava-me só com os miúdos que não sabiam o que fazer porque eu nem me levantava da cama.

Tornei a perder o peso que tinha ganho, sinto-me fisicamente cansada e moralmente desgastada. Apesar disso, não desisto. Tenho que pensar nos meus filhos. O meu mais velho, a maior vítima de toda esta violência na família, porque o pai nunca deixou de lhe bater e de insultá-lo, tem-se metido em complicações. Tudo porque ele busca encontrar fora de casa o que não encontra na família. Por eles, por causa dos meus filhos, vou ter que deixar o meu marido. Já pensei e decidi. Mesmo numa palhota, a vida pode ser boa se houver paz. De que me serve viver numa boa casa, com o mínimo de conforto, se não existe harmonia? Se nos sentimos humilhados?

Outra coisa que eu aprendi, desde que falamos da última vez, é que eu devo contar a todos o sofrimento que tenho passado. Comecei pelo serviço e relatei detalhadamente às minhas colegas os maus-tratos que andava a suportar. Elas sabiam indirectamente, mas desta vez foi a história completa. Desde aí tenho que reconhecer que me têm prestado uma grande solidariedade e eu sinto-me mais acompanhada e já não sofro sozinha.

Fiz o mesmo com as minhas vizinhas, começando com duas que eu sei que também sofrem de violência com os maridos. Houve até um episódio engraçado, na manhã seguinte ao meu marido ter-me cuspidido na cara. Quando descí para ir ao serviço, ele já se encontrava no passeio ocupado com as coisas deles. Estavam presentes uns empregados a carregar água e uma dessas vizinhas, que me perguntou: “então como passou a noite?” Ao que eu respondi: “muito mal. Imagine ...”. Etc. contei tudo o que tinha acontecido e em voz alta. Ela e todos os presentes ouviram, inclusive o meu marido que ficou quietinho. A outra vizinha de que falei também se apercebeu de qualquer coisa e veio saber o que se passava e eu tornei a repetir tudo. Já não me vou calar. Mais tarde, nesse dia, o meu marido disse à minha filha, “a tua mãe está perigosa”. Eu também ameacei-o de ir ter com os amigos dele, esses da bebida, e de lhes contar tudo o que ele me tem feito. Não reagi mas acho que ficou com receio.

Uma coisa que reparei é que a violência aumentou também quando eu deixei escapar a minha vontade de me separar. Dá a impressão de que não admite e vingá-

se. Mas isso não me vai impedir de seguir em frente, até porque tenho o apoio dos meus filhos. Até a minha filha mais nova se tem insurgido e dado sermões ao pai, perguntando o que é que ele acharia se visse a sua própria mãe a ser batida da mesma maneira que ele me agredia. Quando à noite há uma discussão os miúdos logo abrem as portas do quarto para saber o que se passa. Querem proteger-me.

Eu sei que se não me separar ele vai acabar por me matar. Todos me têm dito isso. A minha irmã, as minhas colegas e certas amigas. Há também isso do SIDA que me tem preocupado. Ao longo destes anos eu aprendi a saber que quando eu sofro muito em casa e ele anda na bebedeira, há sempre uma outra mulher

por perto. Mas eu não tenho maneira nenhuma de lhe dizer para usar o preservativo. Ele, como sempre tem feito, há-de virar esse pedido contra mim: “com quem é que andas ou o que é que tens para me dizeres isso?” Por isso, se calhar eu até já tenho o vírus e não sei. O meu filho aconselhou-me a ter coragem e a ir a um GATV. Não sei o que fazer.

Mas eu não vou voltar atrás, vou-me separar. Há muita gente, descobri isso desde que comecei a falar, que me há-de apoiar. Mas antes de tudo vou à Polícia. Hoje já sei dos Gabinetes e elas lá hão-de ajudar a conter esta violência. Eu quero sair mas não quero apanhar mais por causa disso. Não quero continuar com este medo.



A história de Gabriela

Gabriela tem 35 anos, vive com os seus 3 filhos e tem um namorado. Nasceu numa zona rural, o pai era carpinteiro e professor primário e a mãe camponesa. Completou a 9ª classe mas continua a estudar no curso nocturno, tem um emprego e é independente do ponto de vista financeiro.

O meu primeiro companheiro

Eu primeiro gostaria de falar dos meus casamentos, da época do casamento. Prefiro começar pelo primeiro companheiro.

Bem, eu estudava numa escola secundária, ainda a fazer a 5ª classe, então, esse tal senhor era servente numa instituição, então prontos. Eu, quase não namorei com ele, e num belo dia eu vinha do mercado, cruzou-se comigo, falou comigo e prontos, como esse senhor já tinha uma sua palhota onde ele vivia e eu aceitei o convite dele, e prontos. Fui lá e ele seduziu-me. Eu ainda tinha 15 anos de idade.

Eu não me apercebi logo que fiquei grávida. Da primeira vez logo fiquei grávida, eu com 16 anos. Prontos, dali fui continuando em casa, só com pequenas diferenças, ora vômitos, ora enjoos, ora não sei o quê... Prontos, mas eu sempre ia à escola, não deixei de estudar. Só que já na véspera de exames, eu comecei a me sentir mal, a barriga já estava a dilatar-se.

A minha tia foi desconfiando porque as pessoas já lhe haviam alertado que “a tua sobrinha, acho que ela está grávida”, “que a tua sobrinha não sei o quê”. Dali, a minha tia manda-me embora da casa, que não podia viver comigo porque eu já estava grávida, que senão um dia qualquer eu ia começar com umas dores à noite e depois tinha de ir dizer para o meu marido. Prontos, fui lá viver com ele. Só que ele não viveu comigo lá onde tinha casa onde ele vivia, foi-me pôr em casa dos pais a uma distância de uns 14 km para fora da cidade. Mas prontos, fui entendendo, não é?

Os meus sogros eram camponeses. Então eu fui viver lá, ele sempre viveu na cidade. Porque de dia trabalhava e à noite estudava. Eu já não podia ir mais à escola, acabei ficando em casa. Nas manhãs acordávamos, ia à machamba com os meus sogros. Só que, aquela vida aí eu não havia acostumado a ir à machamba. Eu achei aquilo como se fosse um sofrimento. Mas fui suportando, porque também já me pesava na consciência ter que voltar para casa dos meus pais pedir desculpa depois de estar grávida.

Prontos. Fui vivendo lá, chegaram os dias dei parto, depois do parto continuei a ficar lá, íamos à machamba.

Bem, uma das vezes, eu assim a dormir com o meu primeiro filho, era antes de ter o segundo filho... Dali, aparece meu sogro à noite, abriu a porta da minha casa e entrou. Eu apercebi-me que entrou uma pessoa estranha. Eu acordei, sentei na cama, só que ele entra ali e chama-me pelo nome, “fulana, fulana”, eu respondi: “papá?”. Eu achei que ele ia à procura do filho: “Não, ele não vem hoje, vem na sexta”.

Eu começo a gritar, então a minha sogra se apercebeu, então ele sai a correr e vai-se esconder atrás da minha casa. Só que por detrás disso, quando o meu marido vem no fim-de-semana, eu vim lhe contar, meu marido disse: “Ah, tu és mentirosa, tu estás para incriminar o meu pai, tu não sei o quê”.

Pegou-me e começou a me bater. Era a primeira vez que me batia. Foi arrancar uma vara, começou a me bater, aí eu comecei a gritar, até quem me veio acudir é a mãe dele.

Dali eu comecei a ver, eu aqui acho que não tenho sítio onde queixar. Porque o pai fez isso, primeira coisa, um sogro teu que te abre a porta pede sei lá o quê contigo, não pode ser, isso aqui deve ser falta de qualquer coisa. Agora, venho informar o meu marido, toca a me bater, toca a me insultar. Foi uma fase também que me chocou bastante, porque mesmo se eu tivesse aceite andar com o meu sogro, não era justo, não era justo. E também eu não consegui sair e ir informar os meus familiares, porque era já a pior coisa, eu preferi mesmo informar a ele, só que ele como não quis ouvir, pura e simplesmente ignorou.

Bem, a minha família não era rica nem era pobre, estava numa fase social que dava para viver. Eles sempre falavam disso: “Como ela sai de uma família rica, ela despreza as pessoas, tens que casar uma mulher de uma família pobre da nossa zona, não sei o quê”. E prontos, ele acabou entendendo o que a família dizia, porque prontos, acabamos por nos separar e ficou com outra.

Ele não gostava de mim, eu senti que ele não gostava de mim, tratava-se de eu estar lá porque sou a mãe do filho. Doía. Eu estava naquilo de que não tenho onde ir, não sou capaz de voltar de novo de voltar na casa dos meus familiares, este homem não me lobolou, este homem não me casou, para eu ter de voltar com um

filho para casa dos meus pais. Eu sentia cá um pesadelo que achei melhor ficar por lá a sofrer, receber todos aqueles insultos com os meus sogros, com ele próprio meu marido.



Foi muito curto tempo que gostei dele, curto tempo mesmo, quando ainda estava grávida do primeiro filho. Mas, logo que eu dei parto as coisas foram mudando bruscamente, que eu cheguei ao ponto de não saber porque é que mudam daquele jeito. Fiquei três anos a morar com os meus sogros. Ninguém me aconselhava. Estava muito sozinha.

O meu segundo casamento

Eu, depois de terminar o curso que me permitiu ter um emprego, comecei a namorar, namorar com um senhor. Mais tarde depois de estarmos juntos fui descobrir que ele ia no sexto casamento.

Prontos, já que os homens têm papo bonito, falamos juntos, aceitamos, ele me leva para casa dele, foi-me apresentar os familiares, e ele aceitou ir-se apresentar em casa dos meus familiares logo de imediato. Os meus familiares disseram que queriam lobolo, ele não dificultou, nem levou quase 3 meses, ele preparou um lobolo, como ele trabalhava num sítio onde era fácil arranjar dinheiro, prontos, ele foi-me lobolar. Depois dali, deram-lhe lista para o casamento, de imediato, aquilo não levou um ano. Nós preparamos o nosso casamento, chegaram os dias e casamos. O nosso casamento foi tão bonito, tão bonito, mas aquele casamento foi muito acelerado que nem eu imaginava que aquilo ia acontecer, prontos, quase até nem chegamos de namorar muito tempo.

Eu já tinha noção, já era experiente, já era mãe. Aquilo não foi uma coisa de dar voltas, a gente falou e começamos a namorar. E ele como vivia em casa dele só, eu ia à casa dele íamos escutar música, passeávamos juntos, eu passava noites lá, porque eu era mãe de dois filhos, ali praticamente ninguém mais me controlava.

Mas já no casamento veio mudar. Mostrou-me que ele era mau, ele batia. Eu acho que ele é mau de natureza.. Mas comportou-se daquela maneira no princípio do nosso namoro, acho que era aquela coisa de querer me

conquistar, para ter alguém próximo, porque ele já se conhecia o comportamento dele, eu era a sexta mulher. Então, era uma forma de fazer-me entender que ele é tão simples... para eu cair na ratoeira. E realmente depois de eu ter aceite tudo, casamento e tudo, foi daí que eu comecei a ver a diferença. Já ali, houveram maus-tratos, porrada, todos os dias em casa dos pais, resolvíamos, voltávamos. Todos os dias em casa dos padrinhos resolvíamos e voltávamos. Aquilo não rendia quase nada. Depois do casamento, eu só vim ficar feliz dois meses. Dois, dois meses.

Quando eu comecei a viver em casa dele, já casada, ele não queria ver nenhuma vizinha em minha casa, não queria me ver fora da casa em casa de vizinhas assim a conversar. Eu tinha de estar fechada dentro do quintal. Na casa, eu tinha que conversar só com os meus filhos, meus enteados, e as minhas sobrinhas. Daí que foi difícil eu ter amizades com vizinhos, que é para me dizerem como ele era. Mas a partir do momento que ele já se demonstrava ser mau, fui vendo que não, esse aqui está a me privatizar que é para eu não ir ouvir e ver coisas dele, daí que começava já poucos aos poucos, quando ele saísse para o serviço, eu também roubava e saía fora do quintal, conversava em casa de vizinhança. Eu controlava a hora, via que era hora de eu voltar para casa, corria voltava para casa. Comecei a entender com a vizinhança que ele era hábito dele, que eu era a sexta mulher; contaram-me, inclusive essas senhoras mais tarde começaram a aparecer mais tarde: “Ah, venho ver meu filho”, “Ah, não sei o quê”, e assim fui conhecendo.

Quando casamos, dois meses depois começaram brigas, “Ah, filho, estamos há bom tempo e você não faz filho”. Eu já estava com os meus dois filhos, mas não estavam em minha casa, estavam em casa da minha tia.

Prontos, dali: “Ah, porque você não faz filho, tem que fazer filho”, não sei quantos. Dali eu vi que tinha necessidade de fazer filhos, ele já havia casado e sempre eu sofria palavrões, ele me insultava, porque é isso, guisado, assado. Então daí, eu entendi que tinha que fazer filhos.

Só que antes de eu conceber, acontece que ele já não me queria ver no serviço: “Tu tens que deixar de trabalhar, tens de deixar, tens de deixar; se tu não deixas, aqui na minha casa não seremos felizes. Tu tens que deixar de trabalhar”.

Eu não queria e ele não havia mencionado coisas assim no namoro. Nem de filho, nem de deixar de trabalhar. Mal que se casou já tinha de deixar de trabalhar, já tinha de fazer filho, já tinha de fazer não sei o quê: “Porque cada vez que você sai para o serviço, vais namorar”.

Prontos, eu fui resistindo, acordava de manhã ia para o serviço, às vezes na minha volta vinha receber boas



porradinhas. Às vezes, dia seguinte, eu acordar assim para tomar banho, ele me trancava dentro da casa, acabei arranjando problema no meu serviço. Não podia sair e nessa altura eu já estava a conceber. Eu fiquei grávida, a nossa vida foi aquela, não melhorou. Não melhorou. Piorou a situação. Quando me via a mim, quer dizer, aquilo parecia estar a ver uma cadela que... sei lá... Parecia estar a ver um burro que nem valoriza. Batia-me sempre, eu sofria porradas. Eu cheguei ao ponto de uma vez ele me bater e eu ir parar na sala de reanimação uma semana, eu estava grávida de dois meses, comecei a ter uma ameaça de aborto... Deu-me socos, chutava-me. Esse era um homem grande, alto, que nem dava para esquivar, nem para lutar, nem para nada. Prontos, e ele aguentava lutar com 4 homens. Eu acho que ele fazia isso porque já sabia que mesmo me maltratar de que jeito, eu já não podia sair porque

afinal de contas eu já estava grávida dele. Eu ia pensar mil e uma vez para sair, abandonar a casa dele com a gravidez ou com o filho. Acho que é isso que ele pensava.

Dali, eu fui vivendo com ele, a barriga foi crescendo. Uma das vezes eu fiquei mal, fui com uma prima até a casa da minha madrinha. Começamos a andar, a andar, a tomar o rumo do caminho onde ia dar à barraca onde ele estava a beber. Eu de longe vi. É meu marido aquele, está com uma mulher abraçadinhos a beberem. Eu fui ao encontro do meu marido, eu peguei naquela senhora e começamos a lutar. Lutamos, lutamos, lutamos.

Eu nisto voltei para casa, cheguei em casa e sentei. Só que quando eu sento ele já estava a entrar (meu marido), estava com aquelas varas. Eu estava grávida de 7 meses. Então tinha aquela vara daqueles picos grandes, aqui chamamos espinhosas. Vinha com uma vara daquelas, ele começa a me bater essas partes daqui com aquela vara, cada batida picava e aquele pico partia-se e ficava por lá, prontos, começou a me chutar

na barriga, começou me chutar. Então lá estava a chegar a minha tia: “Ah, não façam isso, porque é que vocês fazem isso? Ela está grávida, não pode ser assim”, não sei mais o quê.

Dali a minha tia me pegou, fomos à casa de banho, fui tomar banho. Começaram a me tirar aqueles picos, começaram a me tirar aqueles picos... Dali me levaram para o hospital, fui ter tratamento, fiquei internada porque já tinha problemas de ameaça de aborto. Fiquei internada cerca de 15 dias. Dali a minha saúde foi daquelas que só ficava dois dias em casa, uma semana no hospital...já não trabalhava.

No hospital havia polícia, mas ainda não estávamos a saber que aquilo aí era um crime. Eu não estava ver que era fácil meter queixa na polícia. Eu só recebi

tratamentos, voltei para casa, cheguei lá, fiquei por lá. Ele continuou violento. Eu cheguei ao ponto de dar parto a levar porrada a valer. Aquele senhor era muito rebelde. Era muito rebelde.

Depois do parto, começamos a viver, com bebé pequenino me batia. Eu já havia perdido o emprego. Ele foi lá para o serviço. Foi insultar os meus chefes: “Ah, porque vocês não são nada, porque a minha mulher o dinheiro que ela ganha aqui não serve para nada, são trocos, porque eu não quero ver a minha mulher a trabalhar mais aqui”.

Prontos, então um belo dia ele saiu. Ele saiu, ele viajou. Dali eu: “Ah, eu já estou cansada, tenho que me ir embora” Eu como tinha muitos bens em casa dele, aluguei uma casa, retirei todas minhas coisas, fui deixar em casa dos meus familiares e fui viver noutra cidade durante um tempo.

Dali, fui vivendo em casa dos meus familiares. Ele vem para casa dos meus familiares: “Eu estou a pedir desculpa, quero reconciliação, quero não sei o quê, porque eu já não vou repetir mais, porque não sei o quê...”. Já sabe, o homem tem um papo...

Eu dali aceitei voltar, eu gostava dele. Gostava do meu casamento. Depois de me sensibilizarem muito acreditei que ele ia mudar, ele fez declarações que ele ia mudar de comportamento, que não voltava a me bater mais.

Quando cheguei a casa encontrei outra mulher lá, dali começamos a discutir, dali começamos a lutar. Me bateu dum jeito. Eu vi que hi, isto não vale a pena, só acabei dois dias, depois de ter sarado aquelas feridas, eu arrumei minhas malas, peguei no meu filho e voltei.

Daí que voltei, prontos, fui viver em casa dos meus familiares, fui fazendo meus negócios, ia à África do sul, à Suazilândia, os meus irmãos deram-me dinheiro para começar com o meu negócio, trataram-me do passaporte.

Prontos, fui vivendo, fui aguentando, 1997, 2000, prontos, eu a tratar a minha documentação do serviço, e realmente consegui a reintegração em 2000. Então de novo disseram que tinha de voltar e vir trabalhar lá na província de onde estava antes.

Prontos, mal que consegui a reintegração, despedi-me dos meus familiares. De novo estou aqui desde 2000, estou a trabalhar, no mesmo sítio onde eu trabalhava, prontos. Dali, é assim como eu consegui ultrapassar pelo menos essa passagem.

Tive um grande amor

Uma vez, foi no ano passado, não, foi em 2002, eu tive um amigo casado. Eu gostava do fundo do meu coração. Eu gostava desse senhor. Nós começamos a

namorar, o nosso namoro era tudo bonito. Ele também gostava de mim.

Mas só que tivemos um pequenino problema. Começamos a namorar em 2001, 2002, então fiquei grávida, foi uma grávida desesperada. Eu não queria aquela gravidez. Eu fazia planeamento familiar, tomava comprimidos, mas de repente eu fiquei grávida, como, não sei. Então vou dizer que é uma gravidez desesperada. Quando eu descobri, paciência, fiquei. Essa coisa de andar aí a interromper são coisas que nunca gostei. Então prontos, eu chamei a ele e disse: “Estou grávida”. ra casado, era pessoa da mesma praça, que me conhecia. Ele ficou chocado. Ele disse: “Ah, vamos tirar”.

Eu disse: “Tirar? Não. Eu não acho melhor tirar, eu prefiro deixar essa gravidez, se eu dar o parto, vou criar o filho. Eu nunca vou dizer a ninguém que esse filho é teu. Vou fazer crescer da mesma maneira que os outros cresceram”.

Acontece que um belo dia comecei a me sentir mal mesmo. Eu pedi boleia do serviço e levaram-me ao hospital. Cheguei lá, mandaram chamar o médico, veio, chegou ali, a minha barriga já não aguentava, doía de um jeito mesmo por fora, só tocar assim, doía. Prepararam-me, levaram-me a sala. Foram-me observar que era uma gravidez ectópica que havia rompido. E prontos, fui operada, dia seguinte eu já consegui falar, ligo para ele: “Eh, pá, eu estou aqui no hospital, estou nessas condições”.

Ele não veio. Primeiro dia, segundo dia, ele não veio. Fiquei uns 9 dias no hospital; tive alta e voltei para casa. Aquilo chocou-me naquele momento em que eu estava no hospital. Doeu muito. Mas mal que fui a casa, depois passou. Ele continuou a fazer-me assistência, me levava de casa para o serviço, do serviço para casa.

Mas depois as coisas foram esfriando... A nossa relação terminou assim.

Hoje só namoro

Por enquanto eu tenho um amigo, um senhor idoso, é um viúvo. Talvez um dia qualquer possa viver com esse viúvo, porque já não estou na fase de viver com um homem que é pela primeira vez a querer juntar-se com uma mulher, um homem que ainda precisa de fazer filhos, um homem que ainda precisa de entrar no registo civil e casar-se. Eu até essa fase não quero, eu preciso de um homem viúvo ou separado, mas a saber qual foi o motivo da separação, prontos, talvez posso viver com ele. Mas não me entregar na totalidade. Eu preferia ter a minha casa, ele também ter a sua casa. A casa dele é para os filhos, a minha casa é para os meus filhos, e termos a nossa casa nós os dois; nesse caso termos 3 casas. A casa dos meus filhos que é a minha casa, vou construir com o meu salário; ter a casa dele

que vive lá os filhos da mulher que já perdeu a vida e que tenhamos a nossa casa para o nosso bem de nós os dois.

Bem, eu me sinto bem ultimamente, também já sou crescida, sei decidir, sei o que eu quero. Mas só que, prontos. Em relação ao tempo passado, eu acho que agora, mais ou menos já tenho visão de alguma coisa. Mas só que, prontos, eu vou dizer que sou uma pessoa de azar, porque onde eu gosto e amo a pessoa, eu não sou tão felizarda com ele. Mas onde eu não gosto da pessoa, ele gosta muito de mim. Isso aqui, nunca coincide, eu a gostar dele, amar e tudo e ele também a gostar de mim e amar e tudo. Sempre há essa pequenina diferença. Eu gosto dele, amo, faço de tudo. Até agora que trabalho eu até faço questão, tenho a minha casa, vivo com os meus três filhos.

A minha vida como mulher

Eu fiz o primeiro, e depois o segundo filho, sem saber o que é uma mulher ter um prazer de um homem. Só já no segundo casamento, foi quando eu comecei a notar uma diferença, mas... Eu não vou dizer se é o nosso sangue que não combinava. Não combinava mesmo, tudo aquilo era aquela coisa. Fazia para que ele gozasse. Fazia porque estou em casa dele, tem que fazer.

Saber que existia prazer eu já sabia. Mas eu tentava e não conseguia, não conseguia. Não sei se é do sangue que não combinava, não sei. Mas com outros namorados, aquele que acabou quando foi estudar, eu sentia até... (risos) o fim do mundo. Não era preciso esforçar. Às vezes quando estivesse assim longe, eu ligava: "O que se passa?", eu dizia. Ou quando ele estiver ali em casa, eu sentia necessidade, eu conseguia dizer a ele: "Eh, pá, estou com necessidade X".

Com o primeiro marido, sentia que ser mulher é só para ser domesticada. Mas eu aceitava. No meu primeiro casamento eu aceitava. Porque era antes de eu ter noção de vida, não sabia nada, ainda era menor, eu aceitava. Às vezes sentia-me mal, porque eu não tinha tempo de descanso, eu tinha que velar da casa, das

crianças, e prontos, eu não tinha tempo de sentar ou passear, não, é fim-de-semana, é no meio da semana, eu estava no meio da cozinha, no meio da machamba, no meio não sei do quê. Então, era-me difícil, um pesadelo, enquanto eu sabia que em casa da minha família, pelo mesmo as minhas cunhadas não era daquele jeito que eram tratadas.

Com este namorado que eu tenho agora eu respeito-lhe muito porque é um senhor idoso, quase da idade da primeira sorte do meu pai. É um senhor idoso que já tem netos, então, eu respeito por aí. Eu acho que ele é que deve ser o meu pai, meu conselheiro, já que perdi pai, perdi mãe, sou órfã, então eu considero a ele como meu pai, então tenho muito respeito com ele. Mas amor, amor não tenho. Eu só gosto dele. Só que prontos, ele tem-me ajudado, prontos, quando eu tenho uma preocupação ele consegue me satisfazer. Não porque tenho amor com ele. Eu não tenho amor com ele.

Gostaria de apoiar outras mulheres com base na minha experiência

A mulher não é tão fofoqueira como as mulheres às vezes dizem. Mas só que a mulher às vezes não consegue conter os seus problemas no íntimo, a tendência é de querer contar uma amiga ou contar para mais pessoas para tentar desabafar, eu sinto que é assim, não? Enquanto que o homem consegue disfarçar. Aquilo para ele é naquele momento, quando levanta sai, vai para aí, já desapareceu tudo. Então é por isso que praticamente dizem que os homens não são fofoqueiros, porque ele não precisa ninguém para lhe contar que é para desabafar.

Eu sinto-me bem e gosto de apoiar outras mulheres, porque afinal das contas a experiência que eu tenho, eu acho que é suficiente para apoiar outras mulheres que estão a sofrer, porque eu também passei por esse sofrimento, e pelo menos já sei que ultrapassei essa fase. Então gosto de apoiar outras mulheres e eu sinto-me orgulhosa quando dou conselhos a algumas mulheres.



A história de Anabela

Tem 45 anos, nasceu em zona urbana, cresceu com o pai, a madrasta e os irmãos. Teve uma infância e adolescência que recorda com felicidade. Diz ter sido muito acarinhada. Começou por dar aulas sem nenhuma preparação, mas com o tempo frequentou cursos de formação e prosseguiu os estudos, tendo hoje uma situação profissional estável.

Neste momento encontra-se sozinha com os seus seis filhos, alguns mais velhos mas ainda a estudar, e a enfrentar graves dificuldades financeiras em resultado da separação não consensual com o marido.

Eu quis falar porque não aguento mais com os meus problemas

Eu sou professora desde os 18 anos. Estou junta com aquele homem há vinte e seis anos, dos quais vinte e três de casamento oficial. Só que o tempo foi andando e eu tenho um marido, ih!, quanto a saias ele gosta. E enquanto tiver uma mulher fora ele pisa, pisa mesmo. Ele prefere atender aquela mulher que atender a própria mulher dele. E se você fala é quando ele arruma e sai, era daqueles que sai. Saía, dizia que tinha trabalhos fora, mas ficava aqui na cidade, com uma mulher, e volta no domingo ou na 2ª feira. Mas eu não podia falar e se eu falasse ele dizia assim: “Vou passar a gostar de ti se você gostar das minhas atitudes, aquilo que eu gosto com outra mulher. E se você não quer, você não é nada para mim”. E eu, com aquela educação que eu tive que se alguém escolhe um homem e é desonrada deve continuar com aquele, não posso fazer nada. Não posso ter outro homem porque senão vão-me rir, vão pensar que sei lá, sou uma vadia. E continuei com ele assim, todo esse tempo assim a ser oprimida.

E quando quisesse estudar ele dizia: “vai, estuda, pelo caminho há-de encontrar um homem que há-de ser teu amante”. Aquilo era para eu não estudar, e por isso fiquei 15 anos sem estudar. Mas quando mudamos para uma outra cidade, eu pensei e vi que ele andava na companhia de outra, decidi e resolvi mesmo continuar a estudar. Fiz a 10ª classe e em seguida tive a sorte de ir para fora para um curso de professores. Mas quando volto, ele, em frente dos miúdos e dentro da minha casa, dentro do meu quarto, dormia com essa mulher.

Depois disso tive mais outro curso mesmo na terra, mas em regime de internato. Ele ajoelhou-se, pediu-me de joelhos para não ir, como se fosse uma coisa boa, para eu pensar que afinal de contas ele me ama de verdade. Só que eu continuei a bater com o pé no chão, eu disse que não, eu vou. Depois dessa malandrice que eu assisti, capaz de eu deixar de ir estudar? Não, não vou deixar. Fui, só que ele foi lá para dentro, discutiu com o professor e foi agressivo.

Depois que ele sai, muda de cidade, vem para aqui para estudar. Não estávamos bem, e quando ele chega vem para estudar na universidade. Junta-se com uma mulher, daí consegue uma casa boa. Só que na altura em que saiu disse assim: “olha, eu vou embora estudar. Só que depois de arranjar uma casa, eu venho-vos buscar, tá?” Eu: “Tá bom”.

Eu sempre com paciência no meio daquela malandrice. Quando eu me chateasse ele dizia assim: “tens que ter muita paciência, a paciência é que vai ditar o teu futuro, tenha muita paciência comigo”. Apesar dessa política dele, de andar a faltar-me ao respeito, eu que já tenho filhos, onde é que vou mais? Não há nenhum homem que há-de me querer assim.

Entretanto, um meu filho foi visitar o pai, mostram-lhe a casa dele, só que quando vai à casa depara-se com uma mulher. É então quando um ano depois ele diz: “vem transferida para aqui”. Mas afinal de contas tinha interesses, porque queria fazer uma carreira política e precisava de mim para ajudar a imagem pública. E continuou com outras mulheres. Tinha uma mais permanente e, quando ela ficasse doente ou tinha abortos, eu é que era a feiticeira. Andavam nos curandeiros que diziam: “é a tua mulher que está fazer isso”. A maior inimizade agora é mais os curandeiros que outras coisas, porque não discutia com ele nem um dia.

Continuei até o dia em que ele saiu de casa para passar a viver com essa tal moça. Prontos, continuei, mas ele todos os dias dormia em casa dela. Antes fazia assim, um dia sim, um dia não, só que eu também não aceitava fazer sexo com ele, eu preferia que ele usasse Jeito, só que às vezes ele dizia assim: “vai lá comprar, vai à procura de Jeito”.

Eu: “olha, se tu não quiseres comprar fica, porque não sou eu à procura de homens, és tu à procura de mulheres. Então eu aqui em casa quero Jeito, não ando contigo sem Jeito”.



Por acaso estava há bom tempo sem andar com ele sem Jeito. Então ele chateava-se por isso, porque o que ele queria era engravidar-me ou dar-me doenças, porque foi um homem que sempre deu-me doenças. Ele foi o meu primeiro marido e até hoje não tenho ninguém, e sempre apanhei doenças venéreas que nem eu conhecia e foi com ele.

Um dia arrumou as coisas de vez e foi, mas foi sem se despedir. Eu acompanho que ele agora é um grande chefe, mas ele saiu, não se despediu e não diz nada... Ele meteu o pedido de divórcio, já fui intimada e ouvida duas vezes. Não sei como vai ser a partilha de bens, tenho medo porque ele é poderoso. Quando tento falar ele continua a desprezar-me e até diz: “não falo contigo, tu só falas com o meu advogado”.

No nosso casamento havia falta de respeito

Casei cedo com o meu marido porque pensei que só com o encostar, eu deixava de ser virgem, só o encostar. Aí, ao namorar com ele, prontos, se eu pegasse outro homem havia de não ter valor. É por isso que eu me apeguei muito a ele. Eu até tive uma amiga que me disse: “larga esse homem, larga. Não fiques mais com ele, é bandido”. Isso porque ele andava com outras. Sim, apreciava outras. Eu conheci-o na escola, num grupo cultural, onde ensaiávamos danças e canções. Foi onde conheci a ele e sempre que eu quisesse acabar com ele, dizia: “se me deixares, eu vou-te bater sempre que te apanhar na rua”. E eu tinha medo de levar porrada.

Ele andava com outras, mas houve um tempo que ele deixou de andar que era para atingir o objectivo, não é? Objectivo de engravidar-me e ficar comigo. Eu não

aceitei quando ele no namoro quis fazer sexo logo. Eu começava a pensar naquilo que me diziam e não queria. E depois eu tinha vistorias também, às vezes, da parte da avó.

Ainda era virgem, aí namorávamos oficialmente, fez o pedido e depois foi o casamento. Antes do casamento passamos a viver juntos e tivemos um filho. Quer dizer, vivemos maritalmente 3 anos e depois casamos oficialmente.

Depois de casados começaram os problemas por causa do grupo dele. Andavam juntos, iam a bailes e ele metia-se com meninas em frente de mim. Eu ia sempre, ele sempre gostava de mostrar. Depois fazia aquilo, penso que era para me humilhar. Ele, a mulher, ele não considera a mulher. E não sou eu só, são todas as mulheres. Uma vez eu estava numa reunião, olha parece a preparar a reunião de Beijing, nós aqui tivemos uma marcha, ele vai assim: “mas para quê isto? O que é que vocês pensam? Pensam que vão ser como nós? Pensam que vão avançar? Sempre vamos pisar, vocês nunca hão-de ir para a frente”.

Por acaso ele não me desprezava só a mim. Sim, ele desprezava todas as mulheres. Só este gesto, esta atitude dele de pegar no momento da mulher é uma falta de respeito, primeiro para a sociedade e depois para a família dele e as mulheres em geral. Porque ele pensa que como homem pode fazer e desfazer a mulher.



Houve uma altura em que ele parou muito tempo sem andar com outras mulheres, foi quando namorávamos. Eu disse que havia de acabar com ele, aí ele ficou até

casarmos, até conseguir o que queria. Mas depois de eu ter um filho começou, quando fossemos a uma farra engatava à minha frente. Eu às vezes saía lá de onde estávamos e voltava sozinha a pé para casa, sem me importar se era longe ou não.

O primeiro filho para ele representou a segurança de me ter presa

Dos filhos, o primeiro foi planejado, o segundo também. Mas o segundo foi planejado por pressão dele. Quando o primeiro filho faz um ano, ele queria outro. Fiquei um tempo sem conceber e ele: “tu não tens filho, não sei porque é que não tens. Eu quero outro filho”. E depois resolveu: “eu quero mais um outro filho”. E depois de dois anos o terceiro não foi planejado, até que tentei tirar mas não consegui. E depois vieram os outros.

Já fiz planeamento familiar e ele não se opôs. Mas quando estive no Centro a fazer um curso deixei, estava com medo que ele pensasse que eu fazia planeamento porque tinha alguém. E eu para lhe fazer acreditar que não estava com ninguém não fazia planeamento, foi aí onde apareceu este último. Nalgumas alturas consegui fazer aborto nos serviços de saúde e ele, como marido, tinha que assinar.

Para além disso, o meu marido é agressivo, estúpido, ele às vezes só por desconfiar é agressivo para a pessoa. Já agrediu um colega meu, só que esse colega simplesmente ignorou-o porque não existia nada. Começou-se a rir e disse: “teu marido não está bom de cabeça, só te quer sujar. Você não tem nada a ver comigo, só conversamos como colegas”.

Apesar de ter criado algumas confusões na escola, felizmente não me prejudicou no serviço porque ninguém lhe dava ouvidos.

Senti-me violentada muitas vezes

Nas sextas feiras ele sempre foi um homem que andava lá fora. Quando não se sentisse bem, com doenças, às vezes eu apanhava também. Não sabia o que era antes de ver esta doença, eu não sabia, só sentia comichão.

Tive essa doença muitas, muitas vezes e eu não sabia o que era. Só agora descobri que a doença afinal é DTS. Só agora. Venho a descobrir afinal de contas que aquilo aí faz parte da DTS e eu penso que foi por isso que também comecei a ter alguns problemas. Pela explicação que eu tive no hospital quando eu fui fazer teste de HIV-SIDA, ela explicou que na mulher é difícil você logo notar que tem essa doença, às vezes fica no organismo muito tempo e sobressai. Eu nunca imaginava que era uma doença e a partir daí fui fazendo tratamentos e também decidi não andar com ele sem Jeito. Talvez foi por isso que ele preferiu arrumar e sair de casa. Mas na altura aceitou.

Eu não era obrigada a ter relações sexuais durante o nosso casamento. Pelo menos eu pensava assim. Só que quando eu estivesse doente e ele quisesse, mesmo eu não querendo, tinha de ser. Eu tinha que entender porquê, por causa da educação tradicional. Eles diziam que quando ele quer, tens que dar, e quando estiveres doente e não estar assim muito mal tens que satisfazer o teu marido, porque senão vais criar problemas no lar. E eu fazia. Não levava aquilo como agressão.

Na nossa relação a agressão física não era tanta. Havia isso de eu às vezes estar doente e ele querer fazer sexo. Mas não era constante. Agressão física, tipo pancada, já aconteceu. Porque ele saía e chegava tarde e eu ficava na mesa à espera dele para jantar. E adormecia aí na mesa, às vezes dormia aí. Se resolvesse continuar a dormir no quarto, já não conseguia ouvir a campainha. Ele tocava, entrava por uma janelinha lá em cima da parte de fora. Ele saltava, batia à porta, eu assustava-me e quando entrasse era logo uma bofetada: “porque é que tu não abriste a porta?” Era assim.

Ele não levava a chave, não queria levar a chave porque queria-me ver a acordar. Eu tinha que acordar para atender a ele, para lhe servir o jantar. Entrava mesmo para vir jantar, então vi que quando ele chegasse ele queria sexo, eu não sabia que ele trazia doenças, não é?

Nunca houve um bom relacionamento entre famílias

Ele acredita nos curandeiros porque é da família. Xi!!! A família gosta muito de curandeiros. A mãe, basta uma pequena coisa, curandeiro.

A relação com a sogra foi difícil. Comecei a viver com ele tinha 18 anos, mas ele não ligava à mãe. E esse tempo todo em que ele não ligava à mãe nós vivíamos bem. Bastou começar a ouvir o que a mãe dizia, foi um massacre dentro de casa. Eu penso que ela nunca gostou de mim. Porquê, ela é que sabe.

Mesmo quando tive filhos o comportamento da minha sogra não mudou nada. Não mudou nada porque ela parte do princípio que não tem a certeza se os netos são do filho ou se não, ela é que sabe. Portanto, os netos dela são os das filhas, não é? Agora os do filho não são, até porque depois do parto ela observava para procurar sinais e saber. Ela nunca amou aquelas crianças. Nunca. Sempre que quer a eles foi por interesse. Se você vai lá com uma sacola de pão, com um pouco de dinheiro ou com uma galinha, ou sei lá, ela recebia bem. Se você um dia vai de mãos a abanar: “o que é que vieram aqui fazer? O vosso pai deixou alguma coisa para mim?”

Eu fiz como diz a educação tradicional: sempre que o seu marido te maltrate, que mostre um mau comportamento, tens que ir falar com a família dele. Não tens que dar queixa à tua família, porque a tua

família sente muito e a única solução a dar seria: “arruma e sai, volta para casa”. O que é que eu fazia? Sempre apresentava os problemas para os sogros e eles sempre diziam: “vamos falar com ele, vamos falar com ele”. E um dia decidi juntar as duas famílias e eu contei o que eu passava. Só que depois do pai escutar ele chega à conclusão que não devia haver encontro de duas famílias, que eles haviam de falar com ele porque chegaram à conclusão que o culpado é o filho, seria uma vergonha eu expor este problema.

Sempre sofri pressões para não ter amigas

Ele por acaso gosta de ouvir os amigos, só que nunca gostou que eu ouvisse as minhas amigas, nunca. E sempre, até agora que saiu, sempre disse: “tu tens más conselheiras. Não tens boas conselheiras”. Mas pensando bem eu tive... tenho, tive e tenho boas conselheiras. Porque elas sempre é que disseram: “não vá fazer confusão, senta aqui, fica só com os teus filhos”.



Ele nunca gostou que eu tivesse amigas. Porquê? Porque ele tinha medo que eu perguntasse a elas: “o meu marido faz isso, isso, diz-me isso e conta-me isto. E os vossos maridos o que fazem? Dizem a mesma coisa?” Então da minha parte eu não podia ter amizades e nem podia pedir conselhos de uma mulher. Ele estava habituado a ver-me serviço-casa, casa-serviço. Ele nunca gostou das minhas amizades, por causa da malandrice dele.

O meu trabalho é muito importante

Essa profissão de professora, que eu quase que nem queria, começou com a falta de professores aqui em Moçambique em 1976.

Mesmo com as transferências do meu marido, eu nunca deixei de trabalhar como professora. Apesar das dificuldades, fui fazendo todos os cursos que me

ofereceram. Até hoje que completei o nível médio. E não vou parar. Eu penso continuar a estudar, estou para continuar a estudar, penso que para o próximo ano, porque não tenho vencimento ainda.

O meu trabalho foi muito importante, ajudou-me muito. Até porque tudo o que eu tenho para mim foi à custa desse trabalho. As amizades que eu tenho, a comunicação, e tudo o mais. Mesmo esta boa carga de problemas que eu tenho no lar, se não fosse esse trabalho, eu nem sei o que é que seria. Talvez estaria mais velha ou já estaria morta. Porque posso ter problemas, mas na escola estou ali com crianças, estou a rir, estou a saltar. Mas basta chegar em casa... Quando saio de casa estou numa boa, por isso é que é importante trabalhar.

O meu marido nunca quis que eu continuasse a desenvolver-me no trabalho. Mas eu continuo com os estudos. Ele sempre quis que eu ficasse lá em baixo e a receber pouco. Não era contra o trabalho mas era contra a minha evolução.

Tenho dificuldade de compreender porque é que os homens agem assim

Isto que eu aguentei um homem não teria aguentado. É o que eu penso. Um homem não aguentaria suportar o que eu passei. Mesmo à distância ele tenta controlar-me, até deve ter polícias para me controlarem só que ele diz às vezes assim: “Xiii! Vocês, mulheres antigas, é difícil apanhar-vos”.

Os homens de hoje estão sempre lá fora com outras mulheres, e as nossas conversas são sempre: “se ele nos traz aquela doença, se ele nos traz aquela doença” (SIDA). O problema é só esse de amantismo. É esse problema que faz com que o homem sempre deixa a família e vai ter com outras lá fora.

Eu não sei a razão desse comportamento, talvez eles próprios possam dizer, não é? Eu não sei explicar porque é que os homens fazem isso. Na conversa eles dizem: “toda a mulher é igual”. Eles dizem sempre assim. A maior parte diz: “toda a mulher é igual. Você nunca deve ficar a pensar que lá onde eu estive, aquela foi melhor que eu”. Por isso, partindo desse princípio, eu não sei porque é que eles andam fora. Agora, se todas nós somos iguais, o que lhes faz agir assim? Porque é que têm curiosidade se todas são iguais?

Não sei se é falta de carinho. Mas carinho, eu penso que nós damos carinho, damos. Fazemos tudo. Lavamos a roupa, cuidamos dos filhos, fazemos tudo. É malandrice, para mim é malandrice só.

Se ele um dia quiser voltar, pode voltar, é a casa dele e os filhos estão ali. Mas eu não posso aceitar, já me magoou muito e muito. Tenho que refazer a minha vida, mas nem sei. Ele diz assim: “mulher que eu deixo nenhum homem gosta mais”. Eu não tenho pretendente, não sei se tenho ou talvez haja um escondido aí, que não consegue se aproximar a mim e dizer o que sente por mim, não é? Ninguém vem-me pedir nada. Eu também não tenho vontade de arranjar

ninguém. Ainda estou muito magoada, não estou com essa intenção. Talvez daqui a 4, 5 anos. Por enquanto quero cuidar dos meus filhos, para além de eu ter filhos muito ciumentos. Sempre dizem: “mamã, marido somos nós, não queremos outro homem aqui em casa”. Não querem saber de homem, são muito ciumentos. Mesmo o pai é muito ciumento, ele faz isso a escutar sempre o que é que vou fazer, o que andou a ouvir de mim.

Eu também ultimamente, eu vou ser sincera, eu às vezes tenho vergonha, sinto-me assim uma mulher, sei lá, sem valor. Porque não é possível ser abandonada dessa forma sem nenhuma explicação. Portanto, eu tenho vergonha de aparecer no meio de pessoas. Alguns dizem: “Quem convidou essa? É uma rejeitada, vem para aqui, o que é que ela vem fazer mesmo?” Mas são umas falsas, falsas mesmo, eu vejo na cara delas que são falsas.

Um ano depois...

Parece que percorri um longo caminho, tantas coisas que aconteceram. Mas eu ainda estou aqui.

Primeiro foi o tribunal. Ele meteu o pedido de separação e como não havia o meu consentimento, foi litigiosa. Não gostaria de falar muito nisso, não é? Foi difícil porque o meu marido chamou a família e os amigos para dizerem como eu sempre fui má esposa, que até dos meus filhos não cuidava. Ver o meu cunhado e a minha cunhada a dizerem isso, aquelas mentiras... Não posso dizer o que senti. Foi muita humilhação. E no tribunal o que valeu foi o que eles disseram. Nesta terra a justiça é de quem tem poder, não interessa se sujam o nome de uma mulher como eu, sem influência e sem dinheiro.

Mas agora finalmente matriculei-me na universidade e estou a gostar. É bom para mim. Os meus amigos têm-me dado forças. É por eles me incentivarem que ainda estou aqui a falar consigo. Ninguém me consegue destruir de qualquer maneira porque estou a lutar.

A única coisa que me custa muito é que fiquei sem os meus filhos. Os mais velhos, que estão a estudar, telefonam-me sempre a dizer que é só eu esperar, que quando acabarem os estudos estaremos de novo juntos. Mas o meu pequenino, que me tiraram também, eu sei que passa algumas noites a chorar porque quer a mãe. E lá onde está não pode nem falar no meu nome, só tem os irmãos para desabafar. Quando eu ajeitar melhor a minha vida, vou voltar a lutar para que ele volte para mim.

Não preciso dos bens que me couberem, vou pôr tudo em nome dos meus filhos. Aceito para lhes dar. Quanto a mim quero começar a vida de novo, com o meu trabalho, como sempre fiz. Lembro-me que houve tempos em que o meu ex-marido ficou sem trabalho e que fui eu que sustentei a família. Posso recomeçar, não tem problemas, sou forte.

53ª Sessão da Comissão do Estatuto da Mulher nas Nações Unidas

A 53ª Sessão da Comissão do Estatuto da Mulher nas Nações Unidas terá lugar em Nova Iorque, de 2 a 13 de Março. De acordo com o seu programa para o período de 2007 a 2009, a Comissão considerará os seguintes temas nesta sessão:

- Tema prioritário: “Partilha igual de responsabilidades entre Mulheres e homens, incluindo os cuidados na família, no contexto do HIV/SIDA”.
- Aspecto emergente: “Perspectivas de género da crise financeira”.
- Tema a rever: “Igual participação de mulheres e de homens na tomada de decisão a todos os níveis” — revisão das conclusões sobre esta tema adoptadas pela Comissão na sua 50ª Sessão em 2006.

Para mais informação, consulte: <http://www.unifem.org/campaigns/csw/2009/>

A história de Júlia

Júlia não sabe a idade que tem, perdeu os papéis de identificação originais. Nasceu, cresceu e viveu parte da sua vida adulta em zona rural. O pai foi mineiro e a mãe camponesa. Casou-se e teve uma filha, que depois perdeu porque abandonou o marido.

Actualmente tem um emprego como empregada doméstica na cidade.

Quem sou eu. A história de minha mãe

Eu nasci na rua. Nasci numa mangueira, perto de chegar no hospital. E na hora de eu ser nascida, eram 4 horas da madrugada.

A minha mãe ia para o hospital com a minha tia, então não deu para ela chegar no hospital, ficou naquela mangueira com a minha tia e nasceu a mim. Então quando me nasceu, é ali que saiu logo o meu nome, porque o dono da mangueira tinha uma criança chamada Júlia. Então, aquela mamana saiu e disse: “eu tenho uma menina aqui, tem sorte, então, eu vou dar o nome da minha filha que é Júlia”. Então saiu ali a minha mãe com aquele nome de Júlia para o hospital, com a minha tia, não foi trocar, não foi aumentar, sou Júlia, prontos. Porque é assim como fui nascida.

A minha mãe casou-se quando era jovem. A minha mãe foi apanhada com a minha tia porque ela estava lá na terra dela, a minha mãe a sofrer, não comia bem, não vestia bem, era tudo ao contrário para a vida dela. Então, a minha tia foi falar com ela: “ouve lá, tem meu irmão está na África do Sul, se você aceitar, eu vou-te levar e ir-te deixar lá em casa, porque tem lá meu irmão que precisa mulher, ele disse que tem que arranjar uma menina”.

Então quando voltou o meu pai, apresentaram: “a gente arranjou uma menina da família tal, é de tal sítio, é filha de tal fulano”. Então o meu pai aceitou, disse: “eu gosto da menina, é bonita e tudo”. Foi o que falou o meu pai para receber a minha mãe. Então ficou a minha mãe, em casa do meu pai. A minha mãe não foi lobilada com o meu pai, porque o meu pai era um bocadinho confuso, porque batia muito...

Batia a minha mãe, outras minhas mães, porque não era ela sozinha. A primeira mulher foi embora por levar porrada, a segunda foi por ele demorar na África do Sul. Então, você já sabe, a população da zona fala: “teu marido não é bom, porque dá porrada”.

Então a minha mãe ficou. Chegou lá, ficou bem durante uns dias. Teve grávida, primeira grávida era

rapaz, então esse rapaz correu, correu, morreu. Então já começou confusão no lar.

Começa a bater, quando bebe um copo bate a minha mãe. Mas nem com os conselhos das minhas tias, da minha avó, ele parava. Não é que batia porque não gostava dela. Tratava bem, dava de vestir, dava de comer. Mas problema aparecia quando ia lá bêbado.

Então a minha mãe aguentou. Teve grávida, segundo, terceira grávida em casa do meu pai, nasceu o meu mano, que é André. Então dali, ficou, com aquele barulho ela aguentava. Ela fazia machamba. O meu pai já não ia para África do Sul, desistiu, já não ia, porque ele ia na África do Sul comprar moagem, ia porque precisava dos bois, porque precisava coisa para quando quer fazer machamba não se dobrar na terra. Então parece que essas coisas ele tinha conseguido, então ele tinha decidido que já não vou mais para a África do sul porque estou a perder o meu tempo. Ficou ali com a sua mulher e outra minha madrasta que apareceu ali...

Ela ficou ali, tem mais outra grávida de mim. Então quando eu já estava a puxar para apanhar aqueles 3 anos, então é quando a minha mãe foi embora. Eu fiquei assim confusa. Porque eu cresci sem conhecer a verdadeira minha mãe, de que a minha mãe verdadeira é esta aqui, de que é essa aqui ou aquela ali, não conhecia. Nunca mais vi a minha mãe. Eu vi a minha mãe quando eu era grande. Porque eu sabia bem, porque a nossa vizinha é que começou a me contar a história da minha mãe.

Mais tarde, quando tinha 15 anos, fugi de casa e fui visitá-la. A minha mãe, em vez de ficar contente chora, chora, chora, eu admiro. Porque chora ela? Porque venho por ter saudade de conhecer mamã e a minha mãe chora? Para que chora? Eu pensei, “ih, esta *mamana* não é bom”.

Eu voltei a visitar a minha mãe mas eu não gostava do coração, gostava porque era a minha mãe que me nasceu. Mas eu tinha mágoa por ela ter ido embora e me deixar só com o meu pai, que não foi fácil. O meu pai não me deu escola, a minha madrasta não aceitou.

A minha mãe me visitou cá onde estou agora, mas eu com ela não lhe falo os meus segredos, a mágoa nunca foi. Mesmo quando ela ficou doente não mandou chamar os filhos que deixou. Ela só falava mal do meu pai. Eu aceito que ela tinha de sair, mas não me deixar bebé. Mas eu fui ao falecimento. Chegámos ela já estava na cova. Não fomos chamados.

O pior foi que eu fiz a mesma coisa que a minha mãe. Fugi das dores e deixei a minha filha Julieta. Ela sofreu o mesmo que eu sofri. A minha filha também tem mágoa de mim, só que agora ela já consegue ultrapassar. Só os meus netinhos é que estão como deve ser. Eu sinto que consegui limpar o caminho que foi fechado com a minha mãe.



A maneira como cresci

Depois da minha mãe ir embora, continuamos a ficar com aquela nossa madrastra, a gente ficava com madrastra. Na escola não pisei porque o meu pai não me deixou ir à escola, não sei perdeu controle por beber, não sei perdeu controle por machamba, não sei perdeu controle por deixar a minha mãe. Nem lembrava que esses dois têm de ir à escola. Não sou eu sozinha, nem Mano André. Prontos, a gente ficou em casa, a fazer essa machamba, a aprender a fazer a machamba com o boi.

Vontade de fugir. Como conheci o pai da minha filha Julieta

Quando eu conheci o pai da Julieta, não foi de livre vontade, foi através do meu pai, quando morreu. Então quando morreu o meu pai, fiquei com o meu tio. Então, o meu tio me levou para eu ficar com a minha tia, eu com o André. Ficámos ali, naquela casa, casa da nossa tia.

Essa coisa da gente sofrer, porque já aqui, são duas coisas que a gente tem: não temos pai, que era aquele

que nos ficávamos no canto dele. Não temos a mãe, já éramos sem dono. Eu fiquei ali com a minha tia, que era a mulher dele. Ficamos, ficamos, eu a crescer. Eu fazia machamba. Trabalho da casa só, machamba, no rio, apanhar castanha, fazer aquele *tontonto*. Porque a tia dizia: “se alguém não apanha castanha, há-de ficar nu”. Então, a gente tinha que apanhar aquele caju, para vender e ter dinheiro para comprar roupa.

Então, o tio naquele momento levou os bois do nosso pai, venderam, a gente ficou sem nada. Os manos mais velhos estavam noutra cidade, eram filhos da primeira mulher do meu pai.

Tudo começou quando eu ia na loja vender castanha. O pai da Julieta dizia: “hiiii..., menininha...” Aquelas

coisas de falar coisas más. Ele trabalhava na loja. Então, sempre que eu ia lá, era aquela coisa, conversa. Me dava às vezes lenço. Hi, esse homem, para que me dá lenço da cabeça? Como é que vou dizer à minha tia? (mas lá em casa ensinaram-me que é mamã, não podíamos dizer que é tia, éramos proibidos, nem o tio, não podíamos dizer que é tio, tínhamos dizer que é papá). Sempre eu levava aquele lenço.

Outro dia foi-me dar uma blusinha. Mas eu levo o lenço, vou entregar uma minha tia que ainda estava a viver. Eu começo a queixar: “hi, na loja, tem uma loja assim, vou lá, aquele senhor me dá isso, me dá isso. Eu tenho medo do meu tio, se me ver com essa roupa, vai começar a me exigir, a tia também vai exigir: onde que eu apanhei? Qual o dinheiro que eu apanhei para comprar essas coisas?”

A minha tia disse: “tá bem, mas você está começar a querer namorar com um homem, você não sabe que ainda é criança?”

Eu disse: “Eh! Não sei se ele está a namorar comigo, porque sempre que chego ali diz: ha, você é minha

mulher, vai casar comigo. Não sei tia, é essa forma de dizer se é meu namorado?”

“Prontos. Você é minha filha, você não sabe os homens. Aquele homem não gosta de você. Quer prejudicar a sua vida.”

Então, sempre era assim. Então, chegou uma altura que eu aceitei. Mas não aceitei porque eu queria, só estava a ver a sofrer.

Logo no primeiro dia que eu fui lá, dormir com ele um dia, o segundo dia, não sei o primeiro, eu tive grávida de Julieta. O meu *teacher*, é esse meu marido. Ele é que me disse: você faz isto, faz isto. Eu não sabia nada. Eu nunca tinha visto. Fiquei com medo, fiquei com aquelas dores. Tudo ao mesmo tempo eu senti. Mas eu pensei: “hi!? Afinal ficar com homem é assim? Todas mulheres são assim?” Mas isso falo dentro do meu coração: “se é assim, não posso voltar mais, porque um dia qualquer vou ficar com ferida. Minha capulana cheia de sangue, a minha calcinha cheia de sangue. Não vou fazer mais”.

Enquanto a Julieta já colou na minha barriga. Então, vou lá na loja: “ouve lá fulano, eu tenho grávida. Você fica a saber que se o meu tio descobrir que eu tenho grávida, eu tenho que vir aqui”.

Ele foi lá falar com meu tio, meu tio decidiu que “você tem que lobolar, levar a tua mulher com a tua grávida ir viver com ela, eu não quero ver ela aqui na minha casa com grávida. Júlia, aceita ou não aceita?”

Então chega lá na terra e apanha que aquele senhor tem mulher e mulher. Tinha três mulheres em casa dele, eu entro ser quatro, entrei com grávida. Confusão, ali eu estou a sentir grávida, eu estou a apanhar aquelas falas daquelas *mamanas*, das minhas rivais, falam sempre para mim.

A vida continuou igual, é aí que eu fui na escola de viver

Não gostavam de mim, nem a minha cunhada não gostava de mim. Então eu sempre, essa vida é igual, está a ver, é aí que eu fui na escola de viver. Essa vida é igual quando eu era pequenina fui passar mal em casa da mana Luisa, chego aqui eu pensava que ia descansar, começa mais esta confusão, agora pisou outro lixo já está a ver disse que a grávida não é dele eu passo mal, o que eu vou fazer porque eu estou grávida, coisa que eu vou fazer tem que aguentar.

Aguntei, aguntei, até grávida sair. Quando chegou o dia bebé saiu, ah, esse bebé é igual com o pai, a cunhada começa a me gostar.

Quando já Julieta começa gatinhar e fazer tudo, aquele homem começa meter ciúme. Aquele ciúme grande que enche um saco não conseguir, começa já ouvir as falas

dos vizinhos, falas das mulheres dele, eu entrava mais no biscate de porrada.

Eu entrei no biscate de porrada

Eu entrei no biscate de porrada, mas outra vez está a ver quando volto no sábado até em casa não há sossego, não. Conversa só eu sou prostituta, eu tenho sexo com homem, eu não paro em casa, até essa tua filha não é minha, eu conheço o pai desta menina que é fulano, você veio inventar que a filha é minha, como que ela viveu assim, enquanto eu sei quando nasce uma criança morre, você queria lugar.

Sabe? Enquanto fiquei ali naquela casa estou a trabalhar, aquelas mulheres não sabiam fazer machamba com boi, alugavam os homens para fazer machamba e depois pagar dinheiro. Mas eu com aquele miúdo que fui apanhar viver ali, Fernando, eu dizia Fernando, eu consigo segurar charrua, eu sei fazer machamba com boi, se você aceita a gente vai fazer ao invés de elas gastar dinheiro, vamos fazer machamba com os bois. Porque temos charrua aqui em casa, temos tudo, então só falta uma pessoa. Ele disse: “oh, está bem, mamã”.

Mas oh, pá, eu já estava a pisar o lume, está a ver? Começou o barulho de porrada com o meu marido, mas enquanto eu faço machamba parece que eu estou a piorar. Porque ele já não gostava de mim, dizia mesmo que: “eu não gosto de você, falhei, uma senhora assim que fica com sujo, uma senhora assim que deixa bebé assim, não toma bem banho”.

Naquele tempo me dava com mão, mas quando chegou o dia de eu levar bem porrada, o homem foi no mato arranjar corda. Porque já havia tempo que quando me dar porrada, eu dizia que: “você está a me castigar, está a me bater coisa que eu não faço”. Então às vezes eu falava, eu dizia que: “se você não gosta de mim, é bom você me arrumar em casa do meu pai, porque o meu tio está vivo, quem morreu é o meu pai”.

Por causa de intrigas e de ciúme, foi no mato, arranjou aquela corda, veio me amarrar parece sou ladrão, começou a me chamboquear com a vara de verdadeira, me chamboquear. Assim atrás, me dar porrada, porrada, aquelas *mamanas* estão ali sentadas até a rir porque era noite, ficou ali a ouvir espectáculo que está a acontecer naquela palhota que eu estava a dormir. Então me deixou, me desmaiou, me desmanchar, me deixar... Eu disse: “eh, pá, essa porrada já voltou mais, enquanto eu pensava que descansei, torna a voltar mais porrada. Não, assim já é demais”. Eu fiquei calada.

Ele ficou aquele sábado, domingo, segunda foi para o serviço. Eu saí, fui em casa do meu tio, fui queixar, mostrei que eu onde levei porrada, todo lado eu fui amarrada, ele esqueceu aquela corda com aquela vara, eu levei fui mostrar ao meu pai. Então assim, porque ele disse que eu tenho homem, mas eu tenho marido,

não tenho amante, não tem nada, ele nem me toma conta como mulher, nem faz nada, sabão não compra para mim, eu fico com sujo.

Então meu tio havia tempo que me dava sabão, que mandava as pessoas me trazer sabão, açúcar. Ele disse: “aguenta um bocadinho talvez ele vai deixar disso. E a criança é pequenina”.

Então, eu disse: “tá bem, vou aguentar um bocadinho”, mas as coisas não melhoraram e tive que sair.

Decidi ir embora, mas tive que deixar a minha filha. Os sofrimentos da Julieta

A minha filha ficou em casa do pai. Mas com andar do tempo, não ficou com o pai, foi ficar com a tia, a irmã do meu marido, que ficava na Beira. Porque ali com discussão, não discussão, a minha filha estava a passar mal. Era pequenina, ela tinha 4 anos.

Então, quando vi que a criança está a passar mal, eu disse: “dêem-me lá a minha filha, vou sofrer com ela”.

Ele disse: “não vou-te dar minha filha porque você não é uma mulher, não é de nada, vai fazer a minha filha aprender coisas más de prostitutas”.

Então... Então eu fiquei sem filha, sem nada. Então eu falei com ele para dar à cunhada que é irmã dele.

Disse: “está bem, eu vou mandar a Julieta na Beira, para você não vir mais me incomodar”.

Eu disse: “tá bem para mim”.

muito calma, há vezes que está boa e há vezes que não está boa.

Ela também apanhou essa porrada. Porque a tia tinha rancor de zangar por não ter filhos, não tem nada, porque eu cuido dessa aqui?

Então ela disse: “mamã, eu levei porrada”.

Essa porrada partiu de que ela estava a trabalhar tipo escrava, com aqueles 5 anos que ela estava a caminhar, ela pilava milho, cartava água, coisas que eu devia fazer, é o que ela estava a fazer. E a tia com aquela ideia de que você para comer, tem que trabalhar, passava a vida a bater a ela. Então, há um dia que ela bateu muito, a minha filha fugiu da casa também, foi-se esconder. Ficou escondida uns dias, depois aparece uma sobrinha, um familiar.

Então, aquela minha sobrinha, vendo a Julieta, disse: “vamos em casa de fulano para você ir receber tratamento”, porque todo lado, todo corpo dela estava cheio de porrada, de todos os dias, de cada vez que ela não faz coisa que quer a tia, dava porrada. Voltou com ela para a cidade, foi com ela no hospital curar aquelas todas cicatrizes, a minha filha ficou com aquela doença de anemia, ficou inchada, falta de sangue, confusão e tudo. Mas era através de porrada.

Então, mandou o pai ir lá na Beira, a sobrinha disse: “vovô, tem que vir cá, porque a coisa que está a fazer a tua irmã é grave”.

Chega lá, o pai apanha mesmo que a criança está mal, está doente, está cheio de cicatrizes, uma criança



Então foi lá, com aqueles 4 anos dela, chegou lá na Beira em casa da tia, ela estava a viver com a tia. A tia dela também tratava mal a criança, não tratava bem. É ela que quando voltou começou a contar. Porque a minha filha fica parece não bate 100. Por isso que é

assim... Sabe?, quando você sofre não tem cara boa, tem sempre aquela cara assim, parece você não gosta das pessoas.

Então carregou a Julieta, voltou com ela. É ali que a Julieta começou a entrar na escola. Em casa do pai, enquanto já está a caminhar para 6 anos na vida dela.

Entrou na escola, a escola não consegue aprender bem, porque está um bocadinho confusa na cabeça dela, não está tranquila... Ela não apanha decisão final na vida dela. Está assim confusa sempre. Vai na escola, estuda, estuda, estuda, ora chumba, ora passa, ora chumba; até conseguir empurrar para quarta. Mas é empurrar, não é que foi formada.

Eu mandava roupa para ela, mandava tudo. Porque quando cheguei a Maputo, não fiquei de braços parados, fazia alguma coisa que eu apanhava, que isto vai me dar dinheiro. Tá a ver? Aquele dinheiro, é aquele que eu juntava às vezes e comprava uma roupa para ela. Mas aquela *mamana* levava a minha roupa e dava à filha dela. A minha filha ficava sem roupa boa. Trabalhava demais para todos.

Por isso que a Julieta fica um bocadinho confusa, porque cresceu sempre a sofrer, porque não apanhou aquela folga de crescer com aqueles mimos, saber que é mamã, é papá, é minha família toda, ficar bem tranquila. Ficou pobre parece a mãe morreu, o pai também morreu. Ficou no ar que não tem ninguém; só apanhou uma casa para conseguir viver, mas não estava a viver bem.

Não saiu ali, continuou a ficar ali. Ali já começou brincadeira de mau gosto, quando começou guerra, já ser apanhada com aquele *machanga*, é ali que já começou problema muito grande. A minha filha foi levada com *machanga* para o acampamento deles, sofreu mesmo. É uma história que ela pode contar. Eu só conheci que ficou grávida, o pai dela não queria filho de *machanga*. Eu não aceitei a minha filha tirar o filho, ela é a minha única sorte. Nasceu a Julinha muito doente e o avô não aceita a neta. A minha filha e a Julinha vieram morar aqui comigo.

Eu mesmo tenho que ir na escola de vida

Tive um outro namorado, mas não correu bem e preferi ficar sozinha.

Está a ver outro problema que me aparece? Quando a Julieta foi raptada e apanha grávida, fui buscá-la e é esse problema que vem partir o meu coração todo. Nem força nem nada, nem nada. Eu fiquei sem nada no meu corpo. Fiquei porque só era Júlia, porque eu estava viva, conseguia andar, conseguia ver as pessoas, às vezes conhecia, às vezes não conhecia. Foi aquela ferida que estava dentro do meu coração que estava a me doer muito. Onde que eu venho, já a pensar a minha vinda de lá atrás que sofri, sofri, até eu cheguei aqui que apanho mais esse problema grave. O que devo eu fazer? A minha netinha morre, a minha filha ficou assim, está cheia de ferida, ficou operado, como que vou viver? A casa não é minha, é de mano que tem mulher dele que fala. Quem vai ficar com essa Julieta? Julieta não sabe lavar roupa dela, não sabe fazer alguma coisa. É Julieta que fica só na cama desde de

manhã, toda a noite todo o dia, fica na cama, e Julieta não pode comer coisa pesada. Fiquei assim no meu coração.

Mas nem com isso. Eu disse: “não, eu não vou desistir”.

Conseguí ter a minha casa de caniço. Levei a uma amiga que fez o favor de carregar a minha filha, enquanto estava doente e não andava. Que me carregou mesmo da mão, meter no machimbombo. Conseguí levar as coisas porque ela e o marido foram me deixar lá naquela casa que não tinha porta. Era só entrar e dormir. Ali na cama dormia eu, dormia a Julieta, dormia a Julinha, havia uma *mamana* que é família da Julieta que vinha morar comigo, porque eu pedi para ela viver ali por causa da Julieta e para cuidar a Julinha.

A gente viveu ali, naquele quarto, fora, quase é fora, porque se não fecha porta, a gente estava a dormir fora.

Durante todos esses nãos que eu passei mal, consegui fazer alguma coisa. Agora já tenho uma casa boa, que apresenta minha vida a outros meus irmãos que estão a sofrer. Estava a pedir eles para não desistir, continuar para frente, que um dia qualquer vão conseguir. Eu lutei, agora tenho energia, tenho água, tenho minha família perto de mim.

Em frente das minhas famílias todas, parece que eu já sou alguém. Até já tenho bom nome, sou Júlia, sou vovó Júlia, porque já tenho alguma coisa, mas eu continuo a trabalhar até hoje. Por isso, a pessoa, ou uma *mamana* quando ver sofrimento por causa dos homens, eu estava a pedir ela não desistir, ela tem que lutar para frente. Mas há *mamanas* quando vem o sofrimento não conseguem desistir aquele homem, continua a ficar ali, levar porrada, fazer tudo de mal para ela: “Oh, é meu marido”.

Eu pensava que as mulheres deviam ganhar aquela coragem de que: “Eh, pá!, Deus é pai. Às vezes podia lutar, porque as que lutam tem coração, é do espírito, desistir tudo. Não sei se você bebe, não sei se você tem muitos homens, desista e vá na escola de vida, ir estudar. É o que deve fazer agora, igual a minha vida”.

A casa que eu tenho, as pessoas não podem acreditar que é minha casa, a forma que eu vim de lá a sofrer, onde que eu estou, não, a pessoa não acredita que eu sofri. Pode achar que eu apanhei fácil. Ou outra pessoa pode pensar: “Ah, é porque ela ganha bem”.

Porque muita das vezes as pessoas pensam que fazer uma coisa boa, é ganhar bem. Não, não é ganhar bem. É pensar o pouco que eu tenho, o que eu devo fazer, posso comprar uma panela que serve para sua casa, ou compro uma manta, serve para sua casa. Pode ganhar bem, mas se não saber organizar a sua vida, vai morrer a sofrer.

Ainda tive um namorado, este namorado era *Madjojone* que trabalhava na África do sul; mas como já tinha aquele coração duro de ciúme dos homens que andaram-me a chatear, quando ele começou a me chatear também eu vi: “hum, aqui parece vai cheirar mal”. Eu não fiquei com vergonha de dizer que: “senhor, se ver que não dá, vamos acabar o nosso namoro, vai onde você veio, você conhece a porta que entrou, eu não quero problema com você. Eu quero o meu problema, não quero problema com ninguém”. E ele saiu.

Eu já não estou a dormir, pode-me ver aqui a baixar a cabeça, eu não estou a dormir nada. Esse sofrimento de dois homens, já é suficiente para mim. Ninguém entra aqui com a ideia de que a casa é dele ou o terreno é dele ou a cama é dele, ali entra por meu interesse de que é meu marido naquele momento. Se acaba aquilo de é marido e mulher, cada qual arruma trouxa dele e vai. Se ele me chateia, eu não sinto vergonha de mandar embora homem, porque aquilo que faz para as mulheres é aquilo que eu também faz para ele. Se ele entra a dizer: “Ah, eu quero comprar colher, ah, eu quero comprar...”

Eu digo: “senhor, você não entrou aqui para comprar coisas, se você tem dinheiro compra para tua casa, eu não quero problema com você, porque essa casa é minha, esse terreno é meu. Você não veio aqui gastar para amanhã me dar de fazer”.

Não quero que alguém me dê de fazer, se você quer, dorme, compra comida, porque comida vai comer e depois vai à casa de banho, acaba na casa de banho, a comida. Mas loiça, manta, esteira, não quero confusão amanhã. Os homens são iguais, homens, é mesma coisa que dizem “a mulher não presta”, também “o homem não presta”.

Primeiro somos mulheres porque ainda há entendimento, mas se falhar entendimento, o barulho vai começar: “Ah, eu comprei aqui na tua casa, ah, eu não sei o quê”.

Eu digo: “Não, você o teu trabalho é dormir comigo, pronto. Acordar, deixar dinheiro a gente comprar comida para comer, comprar roupa para você e para mim, a minha família não compra roupa para eles, eu vou comprar eu sozinha, você compra para mim que sou tua mulher, esses não são tuas mulheres, são teus netos porque você está aqui comigo, por isso eu não quero problema”.

Sabe? Homem é muito esperto, os homens. Por isso se você: “hii, hii, é porque é meu marido”, é ali que ele

aproveita. Até agora eu posso dizer já tenho 3 anos, eu não tenho amante, nem tenho ninguém, eu estou a



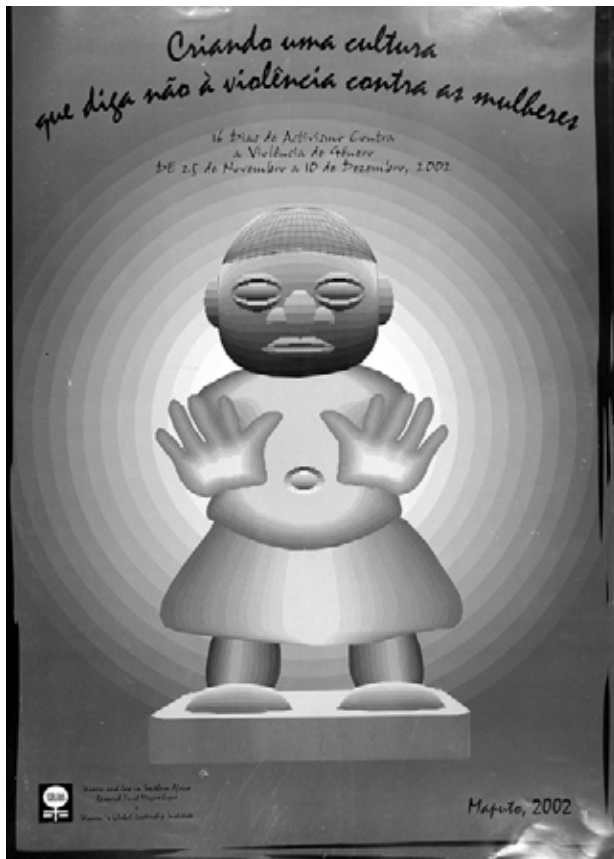
viver porque eu tenho que viver.

O meu futuro só penso os meus netos crescerem, estudarem bem, então quando eu fico velhinha, eles vão-me tomar conta. A minha ideia sempre está aí, nessa parte dos meus netinhos e a minha filha só e a minha família. Homem? Não, já esqueci de homem. Se apanho amante, tá bem, é amante naquele momento, não sei é dois dias, não sei é um dia, prontos, há-de ser amante esse um dia. Mas não ser na minha casa, não, não quero homem até eu morrer, não vou querer mais viver com homem, eu não.

Hoje estou contente. O que me deixa contente é porque eu já tenho casa. Eu já sei quando amanhece o que é que eu devo fazer. Nem agora no meu coração eu digo assim: se acaba o trabalho eu penso em ir na minha terra.

TODOS OS NOMES USADOS NESTES RELATOS SÃO FICTICIOS, PARA PROTEGER A IDENTIDADES DAS MULHERES QUE SE PRONTIFICARAM A FALAR.

Cartazes da WLSA Moçambique: Lutando contra a violência doméstica






WLSA Moçambique
Maputo, 2005

**PROPOSTA DE LEI
CONTRA A
VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA**

A violência doméstica é violência de género.

A violência doméstica é uma forma de tortura contra as mulheres e pode matar.



**Proposta de Lei contra a
Violência Doméstica**

A violência doméstica é um atentado aos direitos humanos das mulheres.

A violência doméstica está na origem de outras formas de violência na família.

A violência doméstica é um instrumento de subordinação das mulheres.

Maputo, 2005


**Reforma do Código Penal:
Pela Igualdade de Direitos**

WLSA Moçambique
Maputo, 2005



As mulheres têm direito a:

- Garantia da sua integridade física
- Controle do seu próprio corpo



Não à violação sexual no casamento!

Mulheres e homens devem poder decidir sobre a sua vida sexual. Ninguém pode ser obrigado a ter relações sexuais.
No Código Penal, é preciso criminalizar a violação conjugal.

WLSA Moçambique . Pela Igualdade na Reforma do Código Penal . Maputo, 2005



DEIXANDO CAIR O VÉU...

A violência doméstica contra as mulheres na comunicação social

Um dos aspectos que explicam a persistência de um fenómeno como a violência doméstica contra as mulheres é a sua invisibilidade, que assenta tanto na sua legitimidade social quanto no silêncio das vítimas. Esta legitimidade, fundada em valores socialmente partilhados sobre hierarquias de género e sobre a aceitabilidade do uso de violência contra as mulheres no âmbito de uma relação de conjugalidade, implica que pouco ou nada se fale e ainda menos se denunciem situações de agressão a este nível. Por isso, uma das estratégias que desde há muito movimentos sociais de luta pelos direitos humanos das mulheres têm adoptado (veja-se os planos e programas de ONGs femininas tanto em Moçambique como na África Austral) é a de trazer a público as várias formas de violência que ocorrem longe das vistas, dentro de casa ou na calada da noite, com vista a desvendar a terrível realidade que se esconde por detrás de muitos casais aparentemente harmoniosos.

Esta estratégia de exposição e de denúncia de casos de violência doméstica contra as mulheres visa criar uma consciência e sensibilização pública para um problema

que a sociedade tem persistentemente ignorado, como base para as reivindicações de medidas legais e outras visando combater o problema.

Assim, tem sido com bastante satisfação que temos registado como, nestes primeiros meses do ano de 2009, alguns jornais têm noticiado vários episódios de violência doméstica, em contraposição a anos anteriores, onde estes casos não tinham sequer o estatuto de notícia, de tão naturalizados.

Esta exposição pública tem causado bastante comoção ao nível da cidade capital, Maputo, que é a realidade que conhecemos, e levou alguns comentaristas e outros cidadãos/cidadãs, a considerar que se está perante um aumento da violência doméstica contra as mulheres. Embora não tenhamos dados para refutar essa suposição, convém lembrar que muito possivelmente este índice de violência doméstica sempre existiu, mas que só agora se tornou mais visível.

Vejamos só alguns dos casos reportados:

“Músico Taba Zily detido na 5ª Esquadra da Polícia”

“O jovem músico moçambicano Custódio Nhandumbo, mais conhecido por Taba Zily, foi detido na tarde desta sexta-feira na 5ª Esquadra da Polícia, por ter espancado violentamente a sua esposa, apesar de esta estar grávida. Segundo apurou o nosso jornal naquela unidade policial, o facto deu-se na madrugada desta sexta-feira na sua própria residência (no bairro da Matola 700). Segundo explicou a mulher violentada, (...) tudo partiu de uma briga que teve como ponto central o facto de na residência do casal frequentarem amigas suas.

Taba Zily é um jovem sobejamente conhecido nos bairros suburbanos pelo seu estilo musical que retratando a vivência nos subúrbios de Maputo acaba conquistando muitos fãs da classe social baixa.”

Fonte: *O País*, 23/1/2009

“T3 – Matou a esposa à catanada”

“Uma mulher cujo nome não foi possível colher perdeu a vida vítima de esquarteramento, num cato cometido pelo próprio marido, alegadamente para reivindicar o facto de esta não ter regressado de uma festa aonde tinha ido com um grupo de amigas. (...) Informações da PRM através do Comendo Provincial de Maputo, indicam que tudo começou no último domingo quando a malograda foi a um encontro de comadres, vulgarmente chamado *xitique*, não tendo regressado na data prevista. (...) O caso foi denunciado na esquadra da zona, de onde foi ordenada a detenção do autor do crime que, neste momento, está a contas com a autoridade”.

Fonte: *Notícias*, 5/2/2009

“Agressor ameaça família da jovem espancada”

“A família da jovem que foi espancada pelo namorado diz que está a ser alvo de ameaças do mesmo, apesar de já se encontrar detido na 3ª esquadra da PRM a nível da cidade de Maputo. (...) Segundo informações do pai da vítima, Silvestre Bila terá espancado a namorada usando aquele instrumento (um descodificador de televisão) cem vezes, segundo o laudo médico, facto que causou graves ferimentos à vítima nas mãos e na cabeça, porque a mesma terá usado os seus braços para proteger a sua cabeça dos fortes golpes desferidos pelo agressor.

A nossa equipa de reportagem dirigiu-se à esquadra na tentativa de ouvir a versão de Silvestre Bila sobre o caso, mas a polícia não deixou, depois de mais de uma hora de espera, alegando que não pode permitir que a imprensa fale e tire imagens do agressor, por tratar-se de um indivíduo casado e que a vítima era a sua segunda esposa.

Referir que Silvestre Bila não só espancou a sua namorada, como também ao jovem que suspeita ser amante da vítima e seus pais. (...)”

Fonte: O País, 18/2/2009

“Mais um jovem espanca violentamente sua parceira”

O suposto agressor está sob custódia policial

“Um jovem que responde pelo nome de Pedro Fernando, de 23 anos de idade, espancou violentamente uma cidadã (...), por sinal sua esposa [mãe de dois filhos], residente no bairro Albazine, arredores da cidade de Maputo. (...) A fonte conta que a acção criminosa deu-se na localidade de Panjane - distrito de Magude, agressão esta que resultou num grave trauma facial.

Segundo a vítima, o suposto agressor apoderou-se, após a agressão, de um valor monetário estimado em cerca de 5 mil meticais, um telemóvel e uma pasta contendo algumas peças de vestuário pertencentes ao filho de 3 anos de idade, que na altura dos golpes se encontrava na companhia da mãe.

Neste momento, o suposto agressor encontra-se nas mãos da Polícia do Comando Provincial da PRM afecto naquele distrito, aguardando pelo julgamento do caso.”

Fonte: O País, 20/2/2009

Esta “explosão” de casos de violência doméstica nos *media* provocou reacções várias, nomeadamente de Lázaro Mabunda, jornalista do O País, que atacou com particular agressividade as organizações de luta pelos direitos humanos das mulheres, que estão na origem de uma proposta de lei já entregue ao Parlamento (veja mais adiante nesta edição). Entretanto, outras vozes manifestaram a sua indignação, quer em jornais, quer em blogs, repudiando que em pleno século XXI

continuem a ocorrer situações de tão grave violência contra as mulheres.

Esta consciência pública contra a violência doméstica, que é um dos mais graves atentados aos direitos humanos das mulheres, representa um grande avanço que se deve valorizar. Assim se estão a criar as condições para que a igualdade de género se possa efectivamente concretizar, deixando de ser letra morta em planos e em discursos oficiais.

Website da WLSA: www.wlsa.org.mz

Estão disponíveis, em formato pdf, os seguintes livros:

- A ilusão da transparência na administração da justiça, 2000.
- Subvertendo o poder político? Análise de género das eleições legislativas em Moçambique, 2004.
- Reconstruindo vidas. Mulheres sobreviventes de violência doméstica, 2006.

Visite o site e deixe o seu comentário!

É defensável a violência doméstica contra as mulheres?

Carta publicada no jornal “O País”, do dia 9 de Fevereiro de 2009, como direito de resposta ao texto de opinião de Lázaro Mabunda, de 30 de Janeiro

Insultos e investidas contra os direitos humanos das mulheres

Na 6ª feira, dia 30 de Janeiro, fomos surpreendidos por um texto de opinião publicado no jornal O País, que tinha como título “Essas gajas são loucas, Ta Basily”, da autoria de Lázaro Mabunda. Embora este senhor já nos tenha habituado, em ocasiões anteriores, a posições misóginas, intolerantes e raiando a ignorância, desta vez ultrapassou tudo quanto é aceitável e de boa educação, recorrendo ao insulto como forma de desqualificação! Aliás, esta é a terceira vez que reagimos a escritos de Lázaro Mabunda, que se tem mostrado reincidente tanto na ignorância como no desrespeito aos direitos humanos, e lamentamos que este tipo de escrito continue a ganhar espaço no jornal O País, por quem temos a maior consideração. Com esta carta, cuja publicação solicitamos ao editor do jornal, queremos comentar algumas das declarações contidas no referido texto, reflectindo sobre a igualdade de género como condição para que as mulheres possam usufruir plenamente dos seus direitos de cidadania.

Lázaro Mabunda começa por prestar a sua solidariedade a Ta Basily, apresentado pelos *media* como tendo agredido a sua esposa, em avançado estado de gravidez, e as suas amigas que se encontravam de visita. Ele acusa as “organizações feministas” de utilizar este caso, por envolver uma pessoa pública, a fim de pressionar para que se aprove a proposta de lei contra a violência doméstica, deixando entender que o jovem artista está a ser injustiçado. Este é o ponto de partida mas, no desenvolver do texto, aparecem incoerências, ideias quanto aos papéis de homens e de mulheres na família, sobre a cultura e sobre a maneira como se deve compreender a violência doméstica.

Queremos salientar o seguinte:

Pela lei actualmente vigente, o Código Penal, a agressão física é um crime, independentemente de ela ocorrer entre pessoas desconhecidas ou entre pessoas ligadas por um vínculo conjugal ou familiar. Aliás, o art. 365º, que tem a redacção actualizada pela Lei nº 8/2002, aplica-se principalmente a casos de violência doméstica, pois agrava as penas quando os crimes são cometidos por pai, mãe, filhos, padrasto, madrastra, enteado, marido ou mulher. Portanto, não é a proposta de lei contra a violência doméstica que vem criminalizar as agressões cometidas contra as mulheres no âmbito das relações conjugais, pois isso já existe! A proposta de lei pretende garantir um melhor

enquadramento legal, maior celeridade na resolução do caso ao nível judicial, melhor atendimento clínico, apoio para as vítimas de violência e educação para romper com este ciclo de violência, começando pelos jovens, desafiando as presentes estruturas que garantem a desigualdade de poder entre homens e mulheres na família e na sociedade.

Outras formas de violência são também abrangidas pela lei actualmente vigente, como os insultos e a difamação, crimes que na proposta de lei contra a violência doméstica são designados como violência psicológica.

Assim, em conformidade com a lei criminal (Código Penal) e os princípios de igualdade garantidos pela Constituição, é um crime agredir um cidadão/cidadã, independentemente do que o agressor venha a alegar. Ou seja, uma vítima nunca pode ser culpada pela agressão que sofreu. Por isso, as questões que o Sr. Lázaro Mabunda se coloca são totalmente irrelevantes à luz da lei! Com efeito, o que fica patente, é que o autor do texto tem algumas crenças bem enraizadas, que defende a todo o custo, a saber: i) num casal, o homem é o “chefe da casa” e o “proprietário”; ii) num casal, é legítimo um homem controlar as amizades da mulher, podendo decidir quem ela vê e quem ela não vê; iii) quando é desobedecido, um homem tem o direito de agredir a esposa ou companheira.

Perante isto, Lázaro Mabunda deveria atacar o mal pela raiz e investir contra a nossa Lei Fundamental, a Constituição, pois é lá que a subversão começa, quando se diz explicitamente, no artigo 36º, “o homem e a mulher são iguais perante a lei em todos os domínios da vida política, económica, social e cultural”. Porque o que na realidade se passa é que ele não acredita nos valores que fundam a nossa cidadania: não acredita na igualdade entre todos os seres humanos, não acredita no direito ao respeito e ao bom-nome de cada cidadã/ão, em suma, não acredita na democracia! Por isso é que o texto de Lázaro Mabunda não é simplesmente uma defesa da violência doméstica contra as mulheres, mas é também uma apologia da discriminação e da desigualdade.

Menciona-se ainda dos números relativos às queixas contra violência. Sobre este aspecto, por não se acrescentar nada de novo, queremos simplesmente remeter para um texto designado “Violência doméstica: negando a manipulação dos números”, que foi publicado como direito de resposta no jornal O País, em reacção ao artigo “Violência doméstica. Proposta de lei está desajustada”, por Lázaro Mabunda, do dia 2

de Março de 2007 (consulte em: http://wlsa.org.mz/?blogviewid=9&__target__=). Finalmente, Lázaro Mabunda fala muito em procurar as “causas” da violência e de que a violência doméstica é “estrutural”, mas o seu raciocínio fica pela rama. Se quiser ser honesto, terá que ir buscar na desigualdade de poder entre homens e mulheres a causa da violência doméstica. Que outra explicação existe para o facto de muitas e muitas mulheres sofrerem de persistente e continuada violência por parte dos seus parceiros e acharem que isso é normal e que devem aguentar caladas? Num mundo em que exista igualdade, ninguém agredirá ninguém e todas as pessoas serão tratadas com a dignidade e o respeito que os seres humanos merecem. Por mais que o jornalista em questão se queira agarrar à ideia de que a violência doméstica é um falso problema inventando por instituições, a realidade, que ele conheceria se em nome do rigor jornalístico tivesse feito o mínimo esforço para perceber melhor o

fenómeno, é diferente. A violência é um problema social com consequências tão reais quanto nefastas, como poderia esclarecer qualquer profissional das unidades sanitárias, das esquadras de polícia ou de organizações de apoio e aconselhamento, que diariamente atendem vítimas de violência.

Para concluir, queremos deixar bem patente o nosso repúdio pela publicação de opiniões insultuosas e atentatórias dos direitos humanos das mulheres, que ainda para mais vão contra os princípios que norteiam a sociedade e que estão consagrados nas nossas leis.

*Pela Igualdade de Género e pela Justiça!
Contra a Violência Doméstica!*

Assinam:
Movimento Pela Aprovação da Lei Contra a Violência Doméstica
Liga Moçambicana do Direitos Humanos

Em defesa do bom nome da nossa colega e activista dos direitos humanos Alice Mabota

Carta publicada no jornal “O País” a 13 de Fevereiro de 2009

EXmo Sr. Editor do jornal O País

Queremos através desta carta lamentar que o jornal que VEXA dirige divulgue notas de teor insultuoso e pessoal, como a do Sr. Lázaro Mabunda, publicada na 6ª feira passada, dia 6 de Fevereiro, que não continha nenhum argumento nem tratava de ideias, mas antes pretendia denegrir a figura de Alice Mabota, activista dos direitos humanos de renome nacional e internacional.

Perante esta postura grosseira e ofensiva, nós, organizações de luta pelos direitos humanos abaixo assinadas, queremos manifestar o nosso repúdio, bem como a total solidariedade com a Dra. Alice Mabota,

nossa colega e companheira. Deploramos que a liberdade de imprensa, duramente conseguida, esteja a ser desvirtuada por este tipo de comportamentos.

Maputo, 11 de Fevereiro de 2009

Assinam:
Associação da Mulheres na Comunicação Social (AMCS)
Associação das Mulheres Moçambicanas de Carreira Jurídica (AMMCJ)
Fórum Mulher
Lambda
MULEIDE
WLSA Moçambique



Pelo mundo fora...

Combates contra a violência doméstica



VIOLÊNCIA
NÃO FAZ O MEU GÊNERO



Quem bate na mulher machuca a família inteira.

Ligue 180.
Não se cale diante da violência doméstica.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO





Proposta de lei contra a violência doméstica: Ponto de situação

A proposta de lei contra a violência doméstica, elaborada pela sociedade civil e que se encontra desde 2006 no Parlamento, ainda não foi aprovada. Entretanto, o Parlamento decidiu aprofundar mais o assunto, tendo já realizado pelo menos um seminário interno para discussão da proposta e está a pensar em efectuar visitas às províncias para auscultação sobre a mesma, junto a vários sectores da sociedade. Entretanto, foi já produzida uma contraproposta de lei, que se divulgou entre as organizações que fazem parte do Movimento Pela Aprovação da Lei Contra a Violência Doméstica. Face a esta situação, gostaríamos de discutir alguns aspectos.

Em primeiro lugar, e desde que em 2007 as organizações da sociedade civil envolvidas na elaboração da proposta de lei contra a violência doméstica a apresentaram simbolicamente ao Parlamento (a entrega formal ocorreu em 2006), após uma marcha que assinalou o início da Campanha dos 16 Dias de Activismo contra a Violência de Género, deputadas/os das duas bancadas têm-se mostrado descontentes (e em alguns casos quase ultrajadas/os) pela ousadia que representa: i) ser a sociedade civil a propor uma lei directamente ao Parlamento, sem passar pelo governo; ii) o manifesto em que se “exigia” que a proposta de lei fosse aprovada na íntegra.

Se considerarmos que a possibilidade de propor uma lei directamente ao Parlamento é uma prerrogativa garantida pela Constituição e que, como eleitoras/es, temos todo o direito de exigir às/aos deputadas/os eleitas/os que ao legislarem respeitem os princípios legais do país e os interesses e as necessidades das mulheres, a indignação e os obstáculos criados em relação a esta iniciativa da sociedade civil é reveladora de que não chega constituir instituições democráticas, mas que é preciso criar também uma cultura democrática que restitua as/os deputadas/os ao seu papel de servidores do povo e valorize a possibilidade de expressão da diversidade de interesses na sociedade como central à democracia.

Em segundo lugar, sentimos que por parte dos deputadas/os há uma atitude de desvalorização de toda a preparação, que levou anos, das organizações da sociedade civil que propuseram a proposta de lei. Inclusivamente, todos os trabalhos de pesquisa que se realizaram nos últimos 8 a 10 anos são menosprezados.

Por outro lado, questionamo-nos também se as/os deputadas/os pretendem legislar somente a partir dos costumes das populações. Afinal, as leis devem limitar-se a transcrever o que já existe como norma informal? Ou não será que as leis reflectem ideais de convivência e de respeito pelos direitos humanos de todas/os, independentemente da sua origem, sexo, religião e raça, entre outros? O que acontecerá se a “consulta popular” (leia-se: “consulta de chefes locais, todos homens”) resultar no sentido inverso aos princípios da Constituição, principal fonte de direito, o que tem toda a probabilidade de suceder? E o que fazer, relativamente aos compromissos que resultam da ratificação de convenções internacionais e que são vinculativas?

Em terceiro lugar, se nos debruçarmos sobre a contraproposta já existente, vemos que as principais alterações transformam radicalmente o conteúdo da proposta original. Estas mudanças dizem respeito a:

- Contesta-se que a lei se dirija especificamente para as mulheres, e propõe-se que abranja todos os que vivem no espaço doméstico, incluindo mulheres, homens, idosos e crianças.
- Retiram-se todas as obrigações do Estado relativamente à protecção das vítimas de violência.
- Retiram-se da lei as definições que a ajudam a interpretar e que reconhecem que o fenómeno da violência doméstica resulta de desequilíbrios de poder entre mulheres e homens na família.
- Questiona-se a classificação da violência doméstica como crime público.

Em ocasiões anteriores já tivemos a oportunidade de comentar as posições acima apresentadas, concretamente no comunicado “O que é que uma lei contra a Violência Doméstica deve garantir”, que pode ser consultado no site da WLSA Moçambique (www.wlsa.org.mz/?blogviewid=20&__target__=). Mesmo correndo o risco de repetição, resumamos os argumentos então apresentados:

- A violência doméstica contra as mulheres só é possível porque existe um modelo de dominação patriarcal que garante a dominação masculina e a subordinação feminina.
- Uma Lei Contra a Violência Doméstica deve restringir-se à violência que ocorre no âmbito do casamento e das relações de conjugalidade, que são estruturadas na desigualdade e que influenciam todas as outras relações sociais ao nível da família.

Outras formas de violência devem merecer instrumentos legais específicos.

- Uma Lei Contra a Violência Doméstica deve proteger especificamente as mulheres, não só porque são elas as principais vítimas, mas também porque se encontram em situação de grande desigualdade em relação aos homens.
- Reconhecendo que as mulheres que denunciam sofrem de ameaças e de uma escalada nas agressões que tanto pode provir do agressor como dos familiares deste, a violência doméstica, na lei, deve passar a ser crime público.

Perante o exposto, apresentam-se três cenários:

1. A proposta de lei é aprovada na íntegra ou pelo menos respeitando o espírito que norteou a sua elaboração.
2. A proposta de lei não é aprovada.
3. Aprova-se uma lei contra a violência doméstica, mantendo-se a designação inicial, mas alterando radicalmente o seu conteúdo.

Pela maneira como a situação se apresenta o terceiro cenário é o mais provável. Neste caso, a nossa posição

é de total demarcação: se não se respeitarem os princípios da Constituição e das Convenções Internacionais ratificadas, se não se reconhecer que a violência doméstica atinge sobretudo as mulheres e resulta do modelo patriarcal que as subordina na família e na sociedade, então poder-se-á ter qualquer outra coisa, mas não se estará a atacar o verdadeiro problema.

A suceder isto, estarão defraudadas as expectativas de todos e todas que trabalham nesta área e que pretendiam um instrumento legal capaz de ser mais justo, mais solidário e mais pronto na resolução dos enormes problemas que resultam da violência doméstica. Mais grave ainda, será uma traição às mulheres de Moçambique, para quem a igualdade de direitos está a tardar muito a chegar.

Terminamos apelando para que nem os “argumentos culturais”, nem os interesses pessoais, interfiram com a nobre acção de legislar, para que todas e todos tenham acesso à justiça e ao pleno exercício dos seus direitos de cidadania.

Novas Vozes

A todos...

a todos trato muito bem
sou cordial, educada, quase sensata
mas nada me dá mais prazer
do que ser persona non grata
expulsa do paraíso
uma mulher sem juízo, que não se comove
com nada
cruel e refinada
que não merece ir pro céu, uma vilã de novela
mas bela, e até mesmo culta
estranha, com tantos amigos
e amada, bem vestida e respeitada
aqui entre nós
melhor que ser boazinha e não poder ser imitada



In: Poesia Reunida, L&PM Editores, 1999 - Porto Alegre, Brasil

Martha Medeiros

Martha Medeiros, nascida em 1961, é natural de Porto Alegre, Brasil, onde reside desde que nasceu. Fez carreira profissional como jornalista e, apesar da sua actividade literária, continua a escrever crónicas. Publicou vários livros de poesia.

Fonte: Mulheres Que Amo,
<http://zezepina.utopia.com.br/poesia/poesia266.html>

Mulheres, Globalização e Ciberespaço

Menina de 13 anos morre apedrejada na Somália, diz Amnistia Internacional

Uma menina de 13 anos foi apedrejada até à morte, por adultério, na Somália, depois do seu pai ter dito que ela foi estuprada por três homens.

Segundo a organização de defesa dos direitos humanos, Amnistia Internacional, Aisha Ibrahim Duhulow foi morta no dia 27 de Outubro por um grupo de 50 homens num estádio na cidade portuária de Kismayo, no sul do país, perante mil espectadores.

A menina foi acusada de violar leis islâmicas e detida pela milícia al-Shabab, que controla a cidade. "Dentro do estádio, membros da milícia abriram fogo quando algumas das testemunhas tentaram salvar a vida de Duhulow, e mataram a tiro um menino que assistia a tudo", disse nota no website da Amnistia Internacional.

Segundo a organização, há notícia de que, depois, um porta-voz da al-Shabab pediu desculpas pela morte da criança e informou que um miliciano seria punido. Jornalistas somalianos haviam noticiado que Duhulow tinha 23 anos de idade, julgando pela sua aparência física. A sua verdadeira idade só veio à tona quando o pai disse tratar-se de uma criança.

Buraco

Duhulow lutou contra quem a detinha e foi levada à força para dentro do estádio.

A Amnistia Internacional disse que foi informada por várias testemunhas que, em dado momento, durante o apedrejamento, enfermeiras receberam instruções para verificar se Aisha Ibrahim Duhulow ainda estava viva. Ao constatarem que sim, a menina foi recolocada num buraco no chão, coberta de pedras, para que o apedrejamento continuasse até à morte. Segundo a Amnistia, nenhum dos homens que estupraram a menina foi preso.

A Amnistia Internacional vem realizando uma campanha para pôr fim à prática de punição por apedrejamento. "A morte de Aisha Ibrahim Duhulow demonstra a crueldade e a discriminação inerente contra mulheres nesta punição", disse nota no website da organização.

*3/11/2008, BBC Brasil,
www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/11/printable/081103_estuproSomalia.shtml*

Jovem paquistanesa atacada por cães e morta a tiro em “Morte por Honra”

Taslim Solangi foi assassinada no Paquistão há 8 meses, mas só recentemente a notícia foi divulgada pela imprensa. Ela foi vítima de uma suposta "morte por honra" - o seu pai afirma que a morte tem a ver com uma disputa pela posse de terra - baseada numa queixa de que estava grávida de 8 meses de um homem que não era seu marido. Taslim foi obrigada a ter a criança prematuramente e o bebé foi deitado no canal. Depois, a jovem, que tinha apenas 17 anos, foi colocada em frente de cães para ser atacada e a seguir morta a tiro. Depois da publicação no jornal nacional dos detalhes sobre a morte de Taslim, as mulheres senadoras organizaram um protesto no parlamento federal, como forma de pressão para que seja dada uma melhor protecção às mulheres.

“Por quanto tempo ainda as mulheres vão continuar a ser queimadas vivas e colocadas em frente a cães esfomeados? Não dão às mulheres os seus direitos”, disse o representante da oposição Semi Siddiqui.

Ibrahim Solangi, de 28 anos, está detido desde a morte da jovem, em Março, e aguarda julgamento pelo assassinato, disse Pir Mohammad Shah, o chefe da polícia do distrito de Khairpur Mirs, no sul do Paquistão. O marido de Taslim era também seu primo em primeiro grau.

Grupos de defesa dos Direitos Humanos dizem que, todos os anos, no Paquistão, centenas de mulheres são mortas por parentes do marido, alegadamente por infidelidade ou outras ofensas ao bom nome da família.

Os activistas afirmam ainda que muitos mais casos não são reportados.

Em Agosto, um político Paquistanês teceu fortes críticas após ter descrito um caso no qual cinco mulheres foram alegadamente queimadas vivas por tentarem escolher os seus próprios maridos. Como neste caso, as alegações sobre a morte de Tasleem Solangi, permanecem improvas.

Segundo informações dadas, segunda-feira, aos jornalistas, em Carachi, o pai de Taslim disse que foi fechado em casa e forçado a ver de uma janela a filha a ser perseguida e atacada pelos cães até cair exausta. Depois foi morta a tiro.

Quer Taslim tenha sido assassinada tão brutal e grotescamente por alegado adultério ou devido a disputa de terra é completamente irrelevante. Os resultados são os mesmos e igualmente horrendos e injustos. De facto, ela foi usada como um instrumento de vingança patriarcal, como aconteceu na Somália

com a jovem Asha Ibrahim Dhuhulow, de apenas 13 anos. Taslim Solangi foi morta porque era uma mulher e consequentemente considerada pelos seus assassinos como um ser subhumano que lhes pertencia. Ela foi assassinada porque os seus algozes pensaram que devido ao seu estatuto de mulher ninguém se importaria com a sua morte.

Espero que as mulheres senadoras que protestaram no parlamento consigam mostrar que os assassinos estão errados. A violência contra as mulheres existe em todo o mundo e não terminará até que se prove que aqueles que a cometem estão errados, até que as suas acções sejam contrariadas e se consiga mostrar a todas as pessoas e aos detentores do poder que elas são inaceitáveis. A violência não terminará até que todas as mulheres e os seus aliados façam ouvir bem alto as suas razões. A violência tem de parar! O assassinato de Taslim mostra isso. Tem mesmo de parar!

10/11/2008, *Feministe*, <http://www.feministe.us/blog/>

Violência doméstica: Número de mulheres mortas duplicou de 2007 para 2008, em Portugal

O número de mulheres vítimas mortais de violência doméstica quase duplicou de 2007 para 2008, de acordo com a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), que detectou um aumento de 21 casos registados no ano passado para cerca de 40 este ano.

Os números, que resultam de uma análise das notícias publicadas na imprensa portuguesa, são da responsabilidade do Observatório das Mulheres Assassinadas, criado pela UMAR, e vão ser divulgados hoje de manhã no Porto numa conferência onde aquela associação aproveita para apresentar uma campanha que pretende envolver os homens na luta contra a violência doméstica.

Em declarações à agência Lusa, uma das responsáveis da UMAR, Salomé Coelho, disse que "houve um aumento" de vítimas mortais por violência doméstica, já que em Abril deste ano o número conhecido de mulheres mortas pelos seus companheiros ou ex-companheiros estava muito próximo dos 21 casos registados durante todo o ano passado.

"Este ano, que ainda não acabou, são à volta de 40" as mulheres que não resistiram às agressões de maridos, companheiros, namorados ou de relações já antigas. A responsável sublinhou ainda que os dados finais só serão conhecidos quarta-feira, salientando que por detrás destes números existem "novos fenómenos" de violência doméstica.

No comunicado da UMAR pode ler-se que 2008 voltou a ser "um ano negro da violência doméstica em Portugal", já que os "homicídios e tentativas ultrapassam os números dos últimos cinco anos".

De acordo com a associação, um dos fenómenos preocupantes é o número de vítimas "na zona Norte e no distrito do Porto", que obriga a "respostas mais sustentadas, em termos de serviços de atendimento e acompanhamento das vítimas".

De acordo com o relatório de 2007, sete em cada dez homicidas mantinham uma relação de intimidade com a vítima quando cometeram o crime, sendo que apenas em 19 por cento dos casos essa relação já tinha terminado.

"O fim da relação não impediu que os agressores tivessem continuado a perseguir a vítima até à morte. Para alguns homens, 'até que a morte nos separe' é levado literalmente", lê-se na página da UMAR sobre o relatório do ano passado.

Em 2007, para além das 21 mulheres assassinadas, 57 foram vítimas de tentativas de homicídio, sendo Lisboa (13), Aveiro (12), Porto e Santarém (ambos com sete casos) os distritos com mais casos registados. No que toca aos homicídios, Lisboa continua a figurar no topo da tabela com seis casos, seguido de Setúbal (5), Porto e Leiria (ambos com dois).

Segundo indicam os dados dos últimos anos, os meses de Verão - Julho, Agosto e Setembro - "são sangrentos para as mulheres".

19/11/2008, Lusa,
<http://noticias.sapo.pt/lusa/artigo/edc3d1dfef448e159ce2e9.html>

Lei Maria da Penha: um compromisso para a Justiça brasileira

A história de vida de Maria da Penha, comum à de tantas mulheres que carregam no corpo e na alma as marcas visíveis e invisíveis da violência, tornou-a protagonista de um litígio internacional emblemático para o acesso à justiça e à luta contra a impunidade em relação à violência doméstica contra as mulheres no Brasil. Ícone dessa causa, a sua vida está simbolicamente subscrita e marcada sob o nome de uma lei.

A Lei Maria da Penha representa um inegável avanço na normativa jurídica nacional: modifica a resposta que o Estado dá à violência doméstica e familiar contra as mulheres, incorporando a perspectiva de género e direitos humanos da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará); rompe com paradigmas tradicionais do Direito; dá maior ênfase à prevenção, assistência e protecção às mulheres e seus dependentes em situação de violência, ao mesmo tempo que fortalece a óptica repressiva, na medida necessária; e trata a questão na perspectiva da integralidade, multidisciplinaridade, complexidade e especificidade, como se procura que seja abordado o problema.

As leis são instrumentos para concretizar princípios, garantir direitos, tornar a cidadania uma realidade. Uma lei que abarca a violência doméstica contra as mulheres em sentido amplo - e não a trata de maneira isolada, senão conectada a políticas públicas intersectoriais - tem múltiplos desafios. O maior deles, talvez: a mudança de olhar e atitude. Melhor não poderia ser, pois, a convocatória de 2008 para a Campanha dos 16 Dias de Activismo pelo Fim da Violência contra a Mulher: "Há momentos em que a sua atitude faz a diferença. Lei Maria da Penha. Comprometa-se".

Em dois anos de vigência da lei, o processo da sua implementação ainda está só a começar, com avanços, obstáculos e desafios. A mudança estrutural nas dinâmicas institucionais e em comportamentos culturais que a lei reflecte e invoca, não se realiza a curto prazo. Mas urge atitudes de comprometimento com a lei, por parte de distintos actores, que fazem e farão a diferença. Hoje, chamemos ao compromisso ao menos um actor em especial: o Poder Judiciário, particularmente o Supremo Tribunal Federal.

Em virtude da controvérsia judicial que se instalou no país sobre a aplicação da Lei Maria da Penha, com decisões que afirmam tanto a inconstitucionalidade, como a constitucionalidade da lei, o Presidente da República entrou, em Dezembro de 2007, no Supremo Tribunal Federal (STF), com a Acção Declaratória de Constitucionalidade (ADC/19) com o fim de obter a declaração de constitucionalidade dos artigos 1º, 33 e 41 da lei, por entender que a mesma não viola: o princípio da igualdade entre homens e mulheres (art. 5º, I, CF); a competência atribuída aos Estados para fixar a organização judiciária local (art. 125 § 1º c/c art. 96, d, CF) e a competência dos juizados especiais (art. 98, I, CF). Correctíssima interpretação constitucional. Atitude de comprometimento jurídico-político na iniciativa presidencial.

Atitude de comprometimento, ainda, do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, que na referida acção ingressou com Amicus Curiae ("Amigo da Corte") em defesa da constitucionalidade da Lei Maria da Penha.; da mesma forma o fazem Cladem/Brasil (Comité Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher) juntamente com as organizações que o integram: Themis -Assessoria Jurídica e Estudos de Género, Ipê - Instituto para a Promoção da Equidade e Instituto Antígona. Qual será, pois, a atitude de comprometimento da cúpula da Justiça brasileira para com a lei nesse contexto, considerando-se ainda haver 83% de aprovação à lei pela população (pesquisa Ibope/Themis)?

Por ocasião do evento público de reparação material (pagamento de indemnização) e simbólica (pedido de desculpas) do governo do Ceará à Maria da Penha (07.07.08), em cumprimento às recomendações da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (Informe 54/2001), Maria da Penha afirmou: "Estou muito feliz por receber essa indemnização, mas a minha maior alegria continua a ser a existência da Lei 11.340/06, chamada Lei Maria da Penha, que me permite partilhar com cada mulher que sofre violência nesse país. É ela que garante que a dignidade da mulher exige respeito e que transforma a violência contra a mulher em crime contra os direitos humanos". E apontou: "há muito que fazer para resgatar a dívida histórica para com as mulheres", indicando investimentos a serem feitos para a "desconstrução da cultura machista", com a correcta aplicação da Lei Maria da Penha.

A declaração de constitucionalidade da Lei Maria da Penha pelo STF representará, assim, não só um legítimo direito constitucional das mulheres - à igualdade, à não-discriminação e a viver livre de violência - mas também a expressão simbólica de resgate dessa dívida histórica. Direito constitucional que merece, ainda, ser objecto de uma súmula vinculante, afirmando-o como *jus cogens* (norma imperativa), pois assim o são os direitos de igualdade e acesso à justiça em âmbito nacional e internacional, conforme entendimento da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Razão maior para que o órgão máximo da Justiça brasileira reconheça a constitucionalidade da lei e o seu carácter de

imperatividade, pondo fim à violência institucional que, por acção ou omissão, tolera e perpetua a violência doméstica e familiar contra as mulheres como sistemática violação aos direitos humanos no país. Por outras palavras... Lei Maria Penha: STF, Comprometa-se!

*Por Valéria Pandjarian, Novembro de 2008,
http://www.agende.org.br:80/16dias/
Valéria Pandjarian: 39; é advogada feminista, responsável pelo programa de litígio internacional do Cladem (Comité Latinoamericano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher). Membro do Cladem/Brasil desde 1992; integra também a fundação e o conselho de várias organizações de mulheres no país.*

CHILE, Câmara aprovou novo delito de femicídio

A figura penal castiga o assassinato da cónjuge, companheira ou mãe de um filho do agressor, com a pena de prisão perpétua qualificada, de 15 a 40 anos de prisão.

Por 98 votos, a Câmara aprovou o projecto, com origem em duas moções reformuladas, que modifica o Código Penal e o decreto-lei N° 321, de 1925, para sancionar o femicídio, aumentar as penas aplicadas a este delito e modificar normas sobre parricídio.

A iniciativa exime de responsabilidade criminal aquele que actue violentado por uma força irresistível, impulsionado por um medo insuperável ou sob a ameaça de um mal grave e iminente.

Estabelece-se, assim, como um dos componentes da violação o uso da violência ou intimidação.

Nos delitos de violação ou estupro, estabelece-se como circunstâncias agravantes o facto de serem dois ou mais os autores do delito e que se executem com desprezo pela presença de menores. Além disso, nos casos de violação e estupro, se o condenado for uma das pessoas chamadas pela lei para dar a sua autorização para que um menor possa sair do país, prescindir-se-á dela.

O texto dispõe que quem, conhecendo as relações que os ligam, mate o seu pai, mãe ou filho, ou qualquer outro dos seus ascendentes ou descendentes, será castigado como autor de parricídio, com a pena máxima de prisão maior a prisão perpétua qualificada (15 a 40 anos).

A mesma pena será aplicada a quem, conhecendo as relações que os ligam, mate a pessoa de quem tenha sido cónjuge, ou companheiro ou com a qual tenha um filho em comum. Isto poderá não ser aplicado àqueles que tenham terminado, efectivamente, a sua vida em comum há pelo menos três anos antes da execução do delito, salvo existam filhos em comum. Se a vítima deste delito for uma mulher, o responsável será castigado como autor de femicídio.

Também é estatuído que não estarão isentos de responsabilidade criminal aqueles que cometam um delito cujo objecto seja afectar, destruir ou inutilizar, maliciosamente, bens de uma pessoa com a qual exista um vínculo matrimonial.

*16/07/2008: Diario La Nación,
www.observatoriogeneroyliderazgo.cl/index.php?option=com_content&task=view&id=598&Itemid=2*

Mais de 16 milhões de mulheres vivem com o HIV

As Nações Unidas estimam que no mundo há mais de 33 milhões de pessoas vivendo com HIV, e que cerca de metade são mulheres.

Num período de 10 anos, de 1997 a 2007, o número de mulheres infectadas por HIV aumentou de 41 para 50 por cento, mas, segundo a investigação, as políticas públicas e os esforços preventivos continuam sem se

centrar nas suas necessidades. Oitenta por cento das mulheres com HIV foram infectadas pelos seus maridos. A maioria é constituída por mulheres jovens de escassos recursos.

*29/7/2008, Sin Género de Dudas:
//singenerodedudas.com/Archivos/978/mas-de-16-millones-de-mujeres-viven-con-el-vih*



Campanha Red Light 2010

O tráfico de moçambicanos para a África do Sul não é um fenómeno novo. Segundo a UNESCO, Moçambique é um dos 10 países da região que abastece o mercado sul africano para fins de exploração sexual, trabalhos forçados e colheita de órgãos humanos. Em Maio de 2003, a Organização Internacional de Migração reportou que cerca de 1.000 mulheres e crianças eram traficadas anualmente para a África do Sul. Tendo em Vista a Copa Mundial de 2010 a WLSA Regional alia-se às organizações que lutam contra o tráfico, como as que são representadas pela SANTAC, estando aberta a outras que desejarem unir os seus esforços nesta luta.

A Campanha Red Light é o resultado da parceria entre todas as WLSA da região austral. Tem como objectivo principal assegurar que os eventos da Copa Mundial não aumentem a vulnerabilidade das mulheres ao tráfico.

Se se quiser juntar a nós nesta Campanha, contacte a Valuarda Monjane através da WLSA Moçambique.

O boletim **Outras Vozes** renova o convite para participação.
Mande as suas contribuições para: boletimwlsa@tropical.co.mz
Ou então use o telefone/fax: (258) 21 41 58 11

Outras Vozes

Registado sob o nº 008/GABINFORM/2003

Propriedade: WLSA Moçambique

Presidente da Assembleia Geral:
Ana Maria Loforte

Presidente do Conselho Directivo:
Eulália Temba

Direcção e Redacção:
Rua Padre António Vieira, nº 68, Maputo

Impressora: CIEDIMA- Rua Consiglieri
Pedroso, 366, Maputo

Editora:

Maria José Arthur

Revisora linguística:

Bertina Oliveira

Contribuíram para esta edição:

Margarita Mejia
Ximena Andrade

As fotos reproduzidas nesta edição são da autoria do Centro de Documentação e Formação Fotográfica (CDFF)

Autores: Ricardo Rangel, Acamo Maquinasse, Martinho Fernando, M. Maonera, António Afonso, Benzane

Boletim Trimestral
Distribuição Gratuita
7.000 ex.
Maputo, 2009

Tel./Fax: 21 415811
wlsamoz@tropical.co.mz
boletimwlsa@tropical.co.mz
Website: www.wlsa.org.mz

A WLSA Moçambique é financiada pela
Embaixada dos Países Baixos, OXFAM,
HIVOS, Fundação Ford, MASC, Regione
Emilia Romagna-ARCS.e FNUAP